UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
CAMPUS BINACIONAL DE OIAPOQUE
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO

PROJETO PEDAGÓGICO

MACAPÁ-AP
2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
CAMPUS BINACIONAL DE OIAPOQUE
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO

Prof. Dr. **José Carlos Tavares Carvalho**
Reitor

Prof[a]. Dra. **Adelma das Neves Nunes Barros**
Pró- Reitor de Ensino de Graduação

Prof[a]. **Ma. Daize Fernanda Wagner**
Coordenadora de Ensino de Graduação – COEG

SUMÁRIO

1	**INSTITUIÇÃO**	5
2	**JUSTIFICATIVA**	7
3	**CONTEXTUALIZAÇÃO DO CURSO**	9
4	**ORGANIZAÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA**	11
4,1	OBJETIVOS DO CURSO	11
4.1.1	**Geral**	11
4.1.2	**Específicos**	11
4,2	PEFIL DO EGRESSO	11
4,3	COMPETÊNCIAS E HABILIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS	12
4,4	ESTRUTURA CURRICULAR	13
4.4.1	**Correspondência entre matérias e disciplinas**	14
4.4.2	**Matriz Curricular**	15
4.5	FLUXOGRAMA	18
4.6	EMENTAS DAS DISCIPLINAS	19
4.7	METODOLOGIA DE ENSINO	52
4.8	APOIO PEDAGÓGICO AO DISCENTE	55
4.9	ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO	55
4.10	ATIVIDADES COMPLEMENTARES	59
4,11	TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO	60
4.11.1	**Conceito**	61
4.11.2	**Objetivos**	61
4.11.3	**Estrutura de Acompanhamento do TCC**	62
4.11.4	**Mecanismos de Acompanhamento e Cumprimento do Trabalho de Graduação**	62
4.11.5	**Atribuições**	62
4.11.6	**Procedimentos para o Trabalho de Graduação**	65
4.12	PROCESSO DE AVALIAÇÃO ENSINO-APRENDIZAGEM	65
4.12.1	**Avaliação da aprendizagem dos estudantes**	65
4.12.2	**Avaliação do curso**	66
5	**CORPO DOCENTE**	67
5.1	COORDENAÇÃO DO CURSO	67
5.1.1	**Da Eleição de Coordenador do Curso**	67
5.1.2	Funções da Coordenação de Curso	68
5.1.3	Atuação do Coordenador de Curso	68
5.1.4	Participação efetiva do Coordenador do Curso em Órgãos Colegiados Acadêmicos	69
5.1.5	Participação efetiva do Coord. e dos Docentes em Colegiado de Curso ou equivalente	69
5.1.6	Titulação do Coordenador do Curso	69
5.1.7	**Regime de Trabalho do Coordenador do Curso**	69
5.2	COLEGIADO DO CURSO	69
5.2.1	**Titulação**	70
5.2.2	**Regime de Trabalho**	70

APRESENTAÇÃO

O projeto pedagógico é um conjunto de diretrizes e estratégias que expressam e orientam a prática pedagógica do curso. Trata-se da própria concepção do curso que descreve um conjunto de habilidades e competências a serem desenvolvidas junto aos discentes e os referenciais que norteiam a construção e implementação do curso e a metodologia a ser adotada. Assim, o projeto pedagógico não é a simples organização curricular, mas um posicionamento institucional diante da realidade e do desenvolvimento da área de conhecimento, discutido pela comunidade acadêmica que direciona a prática pedagógica da instituição.

O objetivo do projeto pedagógico do curso de Enfermagem da Universidade Federal do Amapá – Campus Binacional de Oiapoque é possibilitar a reflexão crítica sobre a prática pedagógica com vistas à melhoria da qualidade do ensino superior na área de Enfermagem. Além disso, tem como objetivos específicos definir a identidade, a diferenciação e a originalidade do curso, trazendo-lhe novas perspectivas.

O projeto pedagógico manifesta, assim, a articulação existente entre a questão da educação superior, o compromisso profissional e as transformações sociais, possibilitando antever as condições de ensino oferecidas. Ele articula e integra todas as atividades de ensino, pesquisa e extensão do curso, evitando a fragmentação de disciplinas. Integra professores e possibilita conteúdos mais consistentes. Permite também avançar na questão da interdisciplinaridade, pois os conteúdos disciplinares passam a refletir não a compartimentalização, mas sim o ensino integrado e sistêmico.

Por fim, o projeto pedagógico do curso de Enfermagem integra-se ao projeto educacional global da Instituição, direcionado pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino de Graduação em Enfermagem, instituído pela Resolução CNE/CES N^0 3, de 7 de novembro de 2001, atendendo desta forma as demandas legais e sociais.

1. INSTITUIÇÃO

A Fundação Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) é uma instituição de ensino superior, autorizada pela Lei nº 7.530, de 29 de agosto de 1986, instituída pelo Decreto nº 98.977, de 02 de março de 1990, vinculada ao Ministério da Educação, com sede e foro na cidade de Macapá, capital do Estado do Amapá.

O Estado do Amapá faz fronteira com a Guiana Francesa, o que faz com que conseqüentemente haja uma relação estreita, tanto em termos sociais, como econômicos e políticos, entre a sua faixa fronteiriça – o município do Oiapoque e o distrito francês. Essas relações são evidenciadas através de acordos comerciais e intercâmbio científico e cultural, bem como através de sinergias e complementaridades estratégicas que podem potencializar o desenvolvimento local e transfronteiriço. Assim, o Campus Binacional do Oiapoque/UNIFAP é instituição que nasce com um perfil interdisciplinar, plural e diferenciado acerca de uma compreensão transcendente às fronteiras sobre as necessidades locais.

Conforme destaca a Minuta do Projeto do Campus Binacional do Oiapoque, a Universidade Federal do Amapá vem desenvolvendo desde 1998 atividades de ensino de graduação, pesquisa e extensão no município de Oiapoque. Com a criação Campus Oiapoque, tornou-se possível instituir cursos de graduação cujo perfil atendesse a perspectiva da interdisciplinaridade e da sustentabilidade, respondendo as necessidades fronteiriça e amazônica da região.

MISSÃO

Ser uma fonte geradora de saberes e práticas nas diversas áreas do conhecimento por meio da Indissociabilidade do ensino, da pesquisa e da extensão, contribuindo para o desenvolvimento local e regional.

FINALIDADES

A Universidade Federal do Amapá tem as seguintes finalidades:

I – Estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo.

II – Formar diplomados nas diferentes áreas de conhecimentos, aptos para a inserção em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade amapaense e brasileira, e colaborar na sua formação contínua.

III – Incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura, e, desse modo, desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive.

IV – Promover a divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos que constituem patrimônio da humanidade e comunicar o saber através do ensino, de publicações ou de outras formas de comunicação.

V – Suscitar o desejo permanente de aperfeiçoamento cultural e profissional e possibilitar a correspondente caracterização, integrando os conhecimentos que vão sendo adquiridos numa estrutura intelectual sistematizadora do conhecimento de cada geração.

VI – Estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente, em particular os do Estado, da região e da nação, prestar serviços especializados à comunidade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade.

VII – Promover a extensão, aberta à participação da população, visando á difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na Universidade.

VIII – Incentivar, promover e estimular o intercâmbio com outras instituições e organizações científicas e técnicas, nacionais e estrangeiras, visando ao desenvolvimento das ciências e das artes, preservando a natureza e interagindo com o ecossistema amazônico.

IX – Colaborar com entidades públicas e privadas através de estudos, projetos, pesquisas e serviços com vistas à solução de problemas regionais e nacionais sem perder de vista os valores étnicos, ecológicos, em consonância com os anseios e tradições dos povos da região.

X – Contribuir para a formação da consciência cívica nacional, com base em princípios da ética e do respeito à dignidade da pessoa humana, considerando o caráter universal do saber.

REITORIA e PRÓ-REITORIAS

A Reitoria é um órgão executivo superior que coordena e superintende todas as atividades universitárias. A reitoria é assessorada por quatro pró-reitorias: Pró-Reitoria de Administração e Planejamento (PROAP), Pró-Reitoria de Ensino Pesquisa e Graduação (PROGRAD), Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PROPESPG) e Pró-Reitoria de Extensão e Ações Comunitárias (PROEAC).

Os representantes da Reitoria e das Pró-reitorias são:

Reitor: Prof. Dr. José Carlos Tavares Carvalho.

Vice- Reitor: Prof. Dr. Antonio Sergio Monteiro Filocreão.

Pró-Reitor de Administração: Seloniel Barroso dos Reis.

Pró-Reitor de Ensino e Graduação: Profa. Dra. Adelma das Neves Nunes Barros.

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação: Profa. Dra. Liudmila Miyar Otero.

Pró-reitor de Planejamento: Rosilene Seabra de Aguiar

Pró-reitor de Gestão de Pessoas: Silvia Sampaio Chagas Gomes

Pró-reitor de Cooperação e Relações Interinstitucionais: Prof. Ms. Gutemberg de Vilhena Silva

Pró-Reitor de Extensão e Ações Comunitárias: Prof. Ms. Steve Wanderson Calheiros de Araújo.

OBJETIVOS E FUNCÕES DA UNIVERSIDADE

A UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ como instituição de ensino superior tem por objetivos e funções:

I – Ministrar o ensino, que é indissociável da pesquisa e extensão.

II – Desenvolver as ciências, as letras e as artes.

III – Prestar serviços e entidades públicas e privadas e a comunidade em geral.

IV – Promover o desenvolvimento nacional, regional e local.

2. JUSTIFICATIVA

A implantação de um Curso de Graduação em Enfermagem no Município de Oiapoque é relevante para a sociedade Amapaense e toda a Região Norte, pois contribuirá para a melhoria da assistência à saúde de uma Região do Estado de Amapá que é distante da Capital, com uma diversidade Étnica reconhecida e com restrições de profissionais de saúde capacitados para atender à demanda crescente de saúde da população que ali reside.

O estado do Amapá está localizado no extremo Norte do Brasil. Faz fronteira com o Pará, Suriname e Guiana Francesa. Possui área de 143.453 Km², distribuídos em 16 municípios. Sua densidade demográfica é de aproximadamente 3,33 habitantes por quilômetros quadrados. Conforme dados divulgados em 2010 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população total do estado do Amapá é de 668.689 habitantes, correspondendo a 0,35% do contingente populacional do Brasil, dado considerado

baixo quando comparado as outras regiões do país, entretanto, o que chama a atenção é o significativo aumento da população representando uma das maiores médias de crescimento demográfico do país, cerca de 3,4% ao ano. Desse total, 334.674 são do sexo masculino (50,05%) e 334.015 (49,95%) feminino. Aproximadamente 600.561 residem em área urbana e 68.126 habitantes residem em área rural. A capital, Macapá, abriga mais da metade da população estadual: 397.913 habitantes, sendo que 380.937 na área urbana e 16.976 em área rural. Com sua formação étnica diversificada existe no Estado grupo de origem afro-descendente e indígena (IBGE, 2010).

O município do Oiapoque é o que se encontra no extremo norte do Estado, fazendo fronteira com a Guiana Francesa. Esta posição geográfica contribui para que exista uma relação estreita, tanto em termos sociais, como econômicos e políticos, entre o município do Oiapoque e o distrito francês, como dito anteriormente.

Apesar da existência dos acordos comerciais e intercâmbio científico e cultural com a Guiana Francesa o distanciamento deste município da Capital do Estado contribui para a escassez de profissionais da saúde que possam atender as demandas deste tipo de cuidados apresentada pela população que reside no Oiapoque.

Com tudo o anterior nota-se a premente necessidade de formação a nível local (Oiapoque) de profissionais de saúde dentre os quais se destacam os profissionais de enfermagem para atender às reais necessidades de saúde dessa população, a qual se vê afetada devido ao isolamento geográfico (extremo norte do país, com acesso somente aéreo ou fluvial) dos grandes centros de formação especializada e produção do conhecimento e tecnologia na área de saúde.

A Universidade, consciente de seu papel social e compromissada com a melhoria na qualidade de vida da população e com o desenvolvimento socioeconômico do Amapá, apresenta o projeto do curso de Bacharelado em enfermagem a espera de que o mesmo contribua com o desenvolvimento da região norte do Estado do Amapá. O mesmo baseia-se no documento legislativo do ensino de Enfermagem (Resolução CNE/CES Nº 03 de 07/11/01) que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem, direcionam a formação dos recursos humanos da área reassumindo o compromisso fundamental que é a melhora na qualidade do ensino e da assistência. Ação esta que terá como cenários os locais onde acontecerá a formação do Enfermeiro: sala de aula, laboratórios, Unidades Básicas de Saúde, Unidades de Saúde da Família (PSF), Unidades Hospitalares, Comunidades, Escolas, Creches e Abrigos nos quais os atores envolvidos (docentes, acadêmicos, comunidade, usuários, funcionários das unidades de saúde e escolas)

serão pontos de junção que visam efetivar a realização do trabalho pedagógico proposto nas disciplinas do curso.

Neste contexto, o currículo proporciona a formação de profissionais dotados de conhecimentos e habilidades, que ao confrontar-se no cotidiano com a estrutura das instituições de serviços, possa contribuir para a melhoria dos serviços.

Ao incorporar o alcance das dimensões transformadoras da proposta curricular necessária à formação de profissionais, estes serão capazes de apresentar alternativas que permitam analisar o campo de atuação e conhecer as distintas práticas sociais, os objetivos e processos envolvidos em cada uma dessas práticas; bem como a função econômica e o espaço social em que se encontram. As mudanças nos padrões educacionais e os avanços tecnológicos, assim como, um quadro de docentes capacitados são necessários para garantir a sustentabilidade pela definição de competências relativa a novos saberes.

Entendemos que a verdadeira reorganização do currículo por ora proposto encontra-se atendendo as diretrizes de ensino, mediante as realidades locais. A Resolução nº 03/2001 no seu art. 3º e 4º, tratam da formação do Enfermeiro generalista, distinguem as competências e habilidades que este profissional deverá ter mediante a conclusão do curso: Atenção à saúde, tomada de decisão, comunicação, liderança, administração e gerenciamento e educação permanente. Essas habilidades ao serem trabalhadas na formação do Enfermeiro estarão viabilizando o cumprimento e a implementação do SUS nas instituições locais, o que contemplará um atendimento de qualidade da demanda local.

Dessa maneira, o projeto pedagógico idealizado nesta proposta, centra-se nas diretrizes educacionais e orienta-se para preparar o acadêmico nas questões sociais, interpreta a tarefa educativo-assistencial do momento com intervenções na realidade encontrada, redimensiona o currículo e desenvolve a prática nos módulos estruturais nas áreas temáticas formais do conhecimento de valores éticos, sociais, políticos e profissionais.

3. CONTEXTUALIZAÇÃO DO CURSO

O curso de Enfermagem no Brasil foi criado oficialmente em 1950, obtendo reconhecimento pela Lei nº 1.254-50. Seu currículo mínimo obedece a Resolução do Conselho Federal de Educação.

Sua existência e prática no Estado do Amapá fixaram-se através do Decreto 98.997 de 02 de Março de 1990, que institui de acordo com o disposto no Artigo 1º da Lei nº 7.530 de 29 de Agosto de 1986, a Fundação Universidade Federal do Amapá-UNIFAP e portaria do Ministério da Educação nº 863 de 10 de Setembro de 1990, que aprova o estatuto da Fundação Universidade Federal do Amapá, o que garantiu a criação do Curso de Licenciatura

e Bacharelado em Enfermagem, com Carga Horária Total: 4.800 h, Carga Horária Teórica: 2.415h, Carga Horária Prática: 2.385h, Duração do curso: 10 Semestres (05 anos), tendo ocorrido o primeiro vestibular (processo seletivo) em 1991 com o ingresso de 50 alunos, iniciando, portanto a primeira turma de graduandos.

Tendo em vista que o Ensino Superior no Brasil, especialmente da enfermagem, passa por processo de questionamento pela sociedade de modo geral e particularmente pela comunidade acadêmica, no contexto dessas manifestações percebe-se o foco das críticas com amplas discussões sobre o ensino que surgem no interior das Escolas e Cursos de Enfermagem, bem como, as entidades representativas da profissão, instituições e serviços de saúde, nos quais a prática se define como de suma importância para o trabalho profissional.

A enfermagem de acordo com sua função cumpre papel social em cada uma das diferentes áreas do conhecimento: na assistência à saúde individual, saúde da família, na saúde da comunidade e do ambiente, no campo do ensino e da pesquisa. Com isso a prática profissional envolve um conjunto de processos técnicos de ordem espacial e temporal, sujeitos a frequentes mudanças.

Ao considerar o ser humano como sujeito do processo histórico, focaliza-se aspectos em que a história, a política, a economia, a antropologia, a psicologia, a filosofia, a sociologia dentre outras corroborarão à formação do enfermeiro para desenvolver análise crítica e reflexiva, que envolve o campo da saúde, educação e o atendimento individual e coletivo.

Diante deste entendimento, propõe-se a implantação do curso de Bacharelado em Enfermagem com ingresso do aluno através de processo seletivo anual e quando existirem vagas disponíveis através do lançamento de Edital Público para Processo Seletivo Simplificado (Vestibulinho) pelo Departamento de Processo Seletivo (DEPSEC).

- **Denominação do Curso:** Curso de Graduação em Enfermagem
- **Grau :** Bacharelado
- **Titulação conferida**: Bacharel em Enfermagem
- **Duração do curso**: 04 anos
- **Período mínimo e máximo de integralização:** mínimo (8 semestres) e máximo (14 semestres)
- **Regime acadêmico:** semestral
- **Turno de oferta:** Integral
- **Número de vagas oferecidas:** 50 vagas
- **Carga horária total:** 4380

4. ORGANIZAÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA

4.1 OBJETIVOS DO CURSO

4.1.1 Geral

- Formar enfermeiro generalista, humanista, crítico-reflexivo diante de realidades sociopolíticas locais, regionais e nacionais.

4.1.2 Específicos

- Direcionar o processo ensino-aprendizagem com vistas a atender o compromisso social a que lhe confere a formação profissional;
- Desenvolver investigação, ação e reflexão mediante fundamentação teórico-prática pautada no modelo social local, regional e nacional;
- Promover formação voltada para pesquisa na área social com interface na saúde e educação;
- Formar Enfermeiros para o desenvolvimento de ações na atenção básica e hospitalar, na administração e na pesquisa;
- Discutir práticas e ações de enfermagem utilizadas no cuidar cotidiano;
- Conduzir o acadêmico a ação-reflexão-ação por meio da construção de conhecimentos coletivos, para que ele possa enfrentar situações complexas apresentadas no cotidiano trabalhista;
- Proporcionar aos acadêmicos diferentes fontes de estudo para a pesquisa e extensão voltadas a ampliação de seu aprendizado e reflexão frente às diversas situações cotidianas no âmbito do cuidar;
- Oferecer condições ao acadêmico à convivência com aspectos técnicos e humanísticos nas diferentes áreas de atuação (promoção, prevenção, promoção da saúde, educação e curativa).

4.2 PERFIL DO EGRESSO:

A Instituição privilegia a formação pautada em realidade científica e profissional, capacitando-o a desenvolver ações de ordem educativa, promocional, preventiva, assistencial e administrativa permitindo a atuação crítica, reflexiva e criativa na resolução de problemas, considerando os aspectos econômicos, sociais e ambientais, contemplando visão ética e humanista no atendimento às demandas da sociedade.

Algumas exigências se fazem necessárias à caracterização do perfil do profissional:

a) Profissionais generalistas, humanistas, críticos, políticos e reflexivos com atitudes éticas, que contribuam com melhorias nas estruturas dos Serviços de Saúde e Educação, relações configuradas nas diretrizes políticas enquanto fatores determinantes de evolução da prática social da Enfermagem.

b) Ter competência e habilidades técnico-científicas no cuidar prestado ao indivíduo, família, comunidade nos diferentes níveis de atuação.

4.3 COMPETÊNCIAS E HABILIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS:

- Atuar nos diferentes cenários da prática profissional considerando os pressupostos do modelo clínico-epidemiológico, social e educacional;
- Identificar necessidades individuais e coletivas de saúde da população e fatores condicionantes e determinantes de doença e agravos;
- Intervir no processo de saúde-doença, garantindo a qualidade da assistência nos diferentes níveis da atenção à saúde;
- Prestar cuidado de enfermagem a diferentes grupos da comunidade levando em conta as especificidades culturais e integrando as ações de enfermagem nas ações multiprofissionais;
- Gerenciar o processo de trabalho na atuação profissional;
- Implementar ações, procedimentos e estratégias de enfermagem avaliando a qualidade e os impactos dos resultados;
- Desenvolver, participar, aplicar pesquisas e extensão enquanto garantia de uma política educacional que objetivem a qualificação profissional;
- Compreender e utilizar os códigos éticos, políticos e normativos da profissão como eixo condutor da prática profissional;
- Participar da composição das estruturas consultivas, deliberativas e movimentos sociais e políticos do sistema de saúde;
- Reconhecer-se como líder do trabalho da equipe de enfermagem com compromisso respeitando os princípios éticos e científicos nas intervenções.

Essas competências e habilidades são consideradas básicas e subsidiarão as ações do acadêmico nos diferentes cenários de atuação profissional considerando-se o contexto e as demandas de saúde.

4.4 ESTRUTURA CURRICULAR

BASES BIOLÓGICAS E SOCIAIS DA ENFERMAGEM		FUNDAMENTOS, ASSISTÊNCIA E ADMINISTRAÇÃO EM ENFERMAGEM		ENSINO DE ENFERMAGEM		OPTATIVAS	
Disciplina	CH	Disciplina	CH	Disciplina	CH	Disciplina	CH
Biologia Molecular	60	Enf. Materno Infantil na Atenção Básica	135	Didática Geral	60	Libras	60
Anatomia Humana	90	Enfermagem na Saúde do Adulto e do Idoso	120	Psicologia do Desenvolvimento	60	Inglês Instrumental	60
Citologia e Histologia	90	História e Teorias de Enfermagem	60			Educação Permanente em Saúde	60
Bioquímica Geral	60	Saúde Coletiva I	60				
Genética	60	Enfermagem em Urgência e Emergência	45				
Introdução a Filosofia	45	Enfermagem Ginecológica, Obstétrica e Neonatal	150				
Introdução a Teoria Sociológica Aplicada a Saúde	60	Enfermagem Clínica e Cirúrgica	120				
Introdução a Antropologia	45	Enfermagem Pediátrica	105				
Microbiologia Geral	75	Enfermagem em Ambientes de Alta Complexidade	150				
Imunologia	60	Enfermagem Psiquiátrica	75				
Fisiologia e Biofísica	120	Administração em Enfermagem	90				
Patologia Geral	90						
Farmacologia Geral	90	Farmacologia Clínica	60				
Parasitologia Geral	60	Administração em Serviços de Saúde	60				
Nutrição	60	Instrumentos e Processos de Enfermagem	60				
Metodologia da Pesquisa em Enfermagem	60	Enfermagem em Doenças Transmissíveis	90				
Enfermagem em Saúde Mental	60	Semiologia e Semiotécnica	120				
Informática Aplicada a Saúde	45	Ética, Bioética e Legislação	60				
		Saúde Coletiva II	60				
		Enfermagem no contexto étnico cultural	60				
		Epidemiologia e Bioestatística	90				
		Estágio Supervisionado I (Saúde Pública)	405				
		Estágio Supervisionado II (Área Hospitalar)	405				
		TCC I	30				
		TCC II	30				

4.4.1 Correspondência entre Matérias e Disciplinas

MATÉRIAS	DISCIPLINAS	CARGA HORÁRIA		CRÉDITO
		TEÓRICA	PRÁTICA	
Ciências Morfológicas	Anatomia Humana	60	30	05
	Citologia e Histologia	60	30	05
Ciências Fisiológicas	Bioquímica Geral	30	30	03
	Fisiologia e Biofísica	90	30	07
	Nutrição	30	30	03
	Farmacologia Geral	60	30	05
	Farmacologia Clínica	30	30	03
Determinantes biológicos do processo saúde-doença	Biologia Molecular	30	30	03
	Genética	30	30	03
	Imunologia	30	30	03
	Microbiologia Geral	45	30	04
	Patologia Geral	60	30	05
	Parasitologia Geral	30	30	03
Ciência do Comportamento	Introdução a Teoria Sociológica Aplicada a Saúde	30	30	03
	Psicologia do Desenvolvimento	30	30	03
Saúde Coletiva	Saúde Coletiva I	30	30	03
	Saúde Coletiva II	30	30	03
	Enfermagem em Saúde Mental	30	30	03
	Epidemiologia e Bioestatística	60	30	05
	Enfermagem no contexto étnico-cultural	30	30	03
Introdução a Enfermagem	História e Teorias da Enfermagem	30	30	03
	Semiologia e Semiotécnica	60	60	06
	Instrumentos e Processos de Enfermagem	30	30	03
Filosofia	Introdução a Filosofia	45		03
Metodologia da Pesquisa	Metodologia da Pesquisa em Enfermagem	30	30	03
Urgência e Emergência	Enfermagem em Urgência e Emergência	15	30	02
Enfermagem Médico Cirúrgica	Enfermagem na Saúde do Adulto e do Idoso	60	60	06
	Enfermagem Clínica e Cirúrgica	60	60	06
	Enfermagem em Ambientes de Alta Complexidade	60	90	07
Enfermagem Materno Infantil	Enfermagem Materno Infantil na Atenção Básica	75	60	07
	Enfermagem Ginecológica, Obstétrica e Neonatal	90	60	08
	Enfermagem Pediátrica	45	60	05
Enfermagem Psiquiátrica	Enfermagem Psiquiátrica	45	30	04
Enfermagem em Doenças Transmissíveis	Enfermagem em Doenças Transmissíveis	60	30	05

Exercício da Enfermagem	Ética, Bioética e Legislação em Enfermagem	30	30	03
Administração em Saúde	Administração em Enfermagem	60	30	05
	Administração em Serviços de Saúde	30	30	03
Antropologia	Introdução a Antropologia	15	30	02
Estágio Supervisionado	Estágio Supervisionado I: Saúde Pública		405	13
	Estágio Supervisionado II: Área Hospitalar		405	13
Metodologia do Ensino de Enfermagem	Didática Geral	30	30	03
	Educação Permanente em Saúde	30	30	03
	Libras	30	30	03
Tecnologia de Comunicação e Informação	Informática Aplicada a Saúde	15	30	02
Língua Estrangeira	Inglês Instrumental	30	30	03
Trabalho de Conclusão de Curso	Trabalho de Conclusão de Curso I		30	01
	Trabalho de Conclusão de Curso II		30	01

Obs: cada crédito teórico equivalerá a 15horas/aula e cada crédito prático a 30 horas/aula.

4.4.2 Matriz Curricular

PERÍODO	DISCIPLINA	CH	CR	PRÉ-REQUISITO
1º. Semestre	Biologia Molecular	60	3	
	Anatomia Humana	90	5	
	Citologia e Histologia	90	5	
	Bioquímica Geral	60	3	
	Patologia Geral	90	5	
	Introdução a Teoria Sociológica Aplicada a Saúde	60	3	
	Introdução a Filosofia	45	3	
	Introdução à Antropologia	45	2	
TOTAL		**540**	**29**	

PERÍODO	DISCIPLINA	CH	CR	PRÉ-REQUISITO
2º. Semestre	Microbiologia Geral	75	4	
	Imunologia	60	3	
	História e Teorias da Enfermagem	60	3	
	Fisiologia e Biofísica	120	7	Bioquímica Geral
	Farmacologia Geral	90	5	Bioquímica Geral
	Instrumentos e Processos de Enfermagem	60	3	
	Saúde Coletiva I	60	3	
	Genética	60	3	
TOTAL		**585**	**37**	

PERÍODO	DISCIPLINA	CH	CR	PRÉ-REQUISITO
3º. Semestre	Parasitologia Geral	60	3	Microb. Geral e Imunologia
	Semiologia e Semiotécnica	120	6	Biologia Molecular, Anatomia Humana, Citologia e Histologia, Bioquímica Geral, Fisiologia e Biofísica, Farmacologia Geral e Instrumentos e Processos de Enfermagem, Microbiologia Geral, Imunologia e Patologia Geral
	Enfermagem em Doenças Transmissíveis	90	5	
	Farmacologia Clínica	60	3	Bioquímica Geral, Fisiologia e Biofísica e Farmacologia Geral
	Administração em Serviços de Saúde	60	3	
	Nutrição	60	3	
	Saúde Coletiva II	60	3	Saúde Coletiva I
	Enfermagem no contexto étnico-cultural	60	3	Saúde Coletiva I
TOTAL		**570**	**29**	

PERÍODO	DISCIPLINA	CH	CR	PRÉ-REQUISITO
4º. Semestre	Enfermagem Materno Infantil na Atenção Básica	135	7	Semiologia e Semiotécnica
	Psicologia do Desenvolvimento	60	3	
	Enfermagem na Saúde do Adulto e do Idoso	120	6	Semiologia e Semiotécnica
	Ética, Bioética e Legislação	60	3	
	Epidemiologia e Bioestatística	90	5	Enfermagem em Doenças Transmissíveis
	TOTAL	**465**	**24**	

PERÍODO	DISCIPLINA	CH	CR	PRÉ-REQUISITO
5º. Semestre	Enfermagem Ginecológica, Obstétrica e Neonatal	150	8	Enfermagem Materno Infantil na Atenção Básica e Psicologia do Desenvolvimento
	Metodologia da Pesquisa em Enfermagem	60	3	
	Enfermagem Clinica e Cirúrgica	120	6	Enfermagem em Saúde do Adulto e do Idoso
	Enfemagem em Saúde Mental	60	3	
	Didática Geral	60	3	
	TOTAL	**450**	**23**	

PERÍODO	DISCIPLINA	CH	CR	PRÉ-REQUISITO
6º Semestre	Enfermagem Pediátrica	105	5	Enfermagem Obstétrica e Neonatal
	Enfermagem em Ambientes de Alta Complexidade	150	7	Enfermagem Clinica e Enfermagem cirúrgica / Enfermagem Médico-Cirúrgica
	Enfermagem Psiquiátrica	75	4	Saúde Mental e Semiologia
	Enfermagem em Urgência e Emergência	45	2	
TOTAL		**375**	**18**	

PERÍODO	DISCIPLINA	CH	CR	PRÉ-REQUISITO
7º Semestre	Estágio Supervisionado I (Saúde Pública)	405	13	Disciplinas do tronco profissional
	Administração em Enfermagem	90	5	
	TCCI	30	1	75% dos Créditos
TOTAL		**525**	**19**	

PERÍODO	DISCIPLINA	CH	CR	PRÉ-REQUISITO
8º. Semestre	Estágio Supervisionado II (Área Hospitalar)	405	13	Estágio Supervisionado I e Saúde Pública
	TCCII	30	01	TCC I
	Informática Aplicada à Saúde	45	2	
	TOTAL	**480**	**16**	

CARGA HORÁRIA CURRICULAR	CH	%
BASES BIOLÓGICAS E SOCIAIS DA ENFERMAGEM	1230	28,1
FUNDAMENTOS, ASSISTÊNCIA E ADMINISTRAÇÃO DE ENFERMAGEM	2640	60,1
ENSINO DE ENFERMAGEM	120	2,7
OPTATIVA	180	4,2
ATIVIDADES COMPLEMENTARES	210	4,7
TOTAL	**4380**	**100**

NOTAS RELEVANTES

***** Para integralização deste currículo exige-se: cursar uma disciplina optativa e o cumprimento mínimo de **210 horas de Atividades Complementares,** as quais devem ser efetivadas pelo acadêmico no decorrer do curso e pelo menos uma disciplina optativa.
****** Integra ainda este currículo o **Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE)**, o qual, de acordo com o § 5º, do Art. 5º, da Lei 10.861, de 14/04/2004, é componente curricular obrigatório dos cursos de Graduação.

OPTATIVAS	DISCIPLINA	CH	CR	PRÉ-REQUISITO
	Libras	60	3	
	Inglês Instrumental	60	3	
	Educação Permanente em Saúde	60	3	
	TOTAL	**180**	**9**	

4.5 FLUXOGRAMA

CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM: MODALIDADE BACHARELADO	INTEG. CURRICULAR	DISC. OBRIGATÓRIAS	DISC. OPTATIVAS	AC	TOTAL
	CARGA HORÁRIA	3990	180	210	4380
	CRÉDITOS	178	9	14	407

I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII
Biologia Molecular 60	Microbiologia Geral 75	Paras.Geral 60	Enf. Materno Inf. na Atenção Básica 135	Enf.Ginec. Obst. e Neon. 150	Enf.Pediátrica 105	Estágio Supervision. I 405	Estágio Supervision. II 405
Anatomia Humana 90	Imunologia 60	Semiologia e Semiotécnica 120	Psicol. do Deesenvolvim. 60	Metodologia da Pesquisa em Enfermagem 60	Enf. em Urg. e Emerg. 45	Administração em Enferm. 90	TCC II 30
Citologia e Histologia 90	Hist,. e Teorias da Enfermagem 60	Enfermagem em D.T 90	Enferm.na Saúde do Adulto e do Idoso 120	Enferm. Clín. e Cirúrg. 120	Enf. em Amb. de Alta Comp. 150	TCC I 30	Inf. Aplicada a Saúde 45
Bioquímica Geral 60	Fisiologia e Biofísica 120	Farmacologia Clínica 60	Ética, Bioética e Legislação 60	Enfer.em Saúde Mental 60	Enfermagem Psiquiátrica 75		
Patologia Geral 90	Farmacologia Geral 90	Administ. em Serviços de Saúde 60	Epidemiologia e Bioestatística 90	Didática Geral 60			
Int. a Teoria Sociol. Aplic. a Saúde 60	Inst. e Processos de Enferm. 60	Nutrição 60					
Intr. a Filosofia 45	Saúde C oletiva I 60	Saúde Coletiva II 60					
Int. a Antropol. 45	Genética 60	Enfermagem no contexto étnico cultural 60					
CH 540	**585**	**570**	**465**	**450**	**375**	**525**	**480**

NOTAS RELEVANTES

***** Para integralização deste currículo exige-se: cursar uma disciplina optativa e o cumprimento mínimo de **210 horas de Atividades Complementares,** as quais devem ser efetivadas pelo acadêmico no decorrer do curso.

****** Integra ainda este currículo o **Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE)**, o qual, de acordo com o § 5º, do Art. 5º, da Lei 10.861, de 14/04/2004, é componente curricular obrigatório dos cursos de Graduação.

4.6 EMENTAS DAS DISCIPLINAS

- **BIOLOGIA MOLECULAR:** Introdução à Biologia Molecular; Estrutura do DNA; Estrutura do RNA; Replicação do DNA; Transcrição da mensagem genética; Código Genético; Tradução da mensagem genética; Regulação da Biossíntese de Proteínas.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA
DE ROBERTIS, E.D.P. & DE ROBERTIS, E.M.F. Bases da biologia celular e molecular. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2ed., 1993, 307p. FARAH, S. Mistérios do DNA. São Paulo: Sarvier, 1997. 276p. ZAHA, A. Biologia Molecular Básica. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996, 336p.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR
LEHININGER, ªL.; NELSON, D.L.; COX, M.M. Princípios da bioquímica. São Paulo: Sarvier, 2 Ed., 1995, 839p LEWIN, B. Genes V. New York: Oxford, 5ed., 1994, 1272p. THOMPSON, M.W.; MCINNES, R.R. & WILLARD, H.F. Genética médica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 5ed., 1993, 339.

- **ANATOMIA HUMANA:** Estudo sistematizado da Anatomia Humana predominantemente sob o ponto de vista da Anatomia Sistêmica ou Descritiva **co**-relacionando-a com o ensino e a prática da Enfermagem.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA
GOSS, CHARLES MAYO , Gray. Anatomia. Guanabara Koogan : Rio de Janeiro 2000. SOBOTTA, Johannes. Atlas de Anatomia Humana. Vol 1 e 2 . ed.22. Guanabara Koogan : Rio de Janeiro. 2006.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR
LUTJEN- Drecoll Rohen. Atlas de Anatomia: os Sistemas Funcionais do Corpo Humano. Manole. São Paulo: 1998.

- **CITOLOGIA E HISTOLOGIA:** Estudo sistemático dos tecidos humanos a partir da morfologia e propriedade celular aplicada a enfermagem, oferecendo aos alunos conhecimentos dos sistemas do corpo humano e seus inter-relacionamentos, com ênfase nas estruturas teciduais que servem de base para os processos e procedimentos da prática clínica da Enfermagem.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA
JUNQUEIRA;CARNEIRO. Histologia Básica.10 Ed. Guanabara Koogan. Rio de Janeiro: 2004. SOBOTTA. Atlas de Histologia. SANTELLI, G. M. Histologia Imagens em Foco. Manole. São Paulo: 2003 GITIRANA,L.B. Histologia **:** Conceitos Básicos dos Tecidos. O Atheneu . São Paulo: 2007.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR
KIERSZENBAUM, A.L. Histologia e Biologia Celular: Uma Introdução à Patologia. 3 Ed. Elsevier. Rio de Janeiro 2012.

- **BIOQUIMICA GERAL:** A Disciplina de Bioquímica enfoca principalmente o metabolismo intermediário do ser humano. Os nutrientes são apresentados como componentes dos diferentes alimentos, e o seu metabolismo é estudado até a transformação e aproveitamento como componentes celulares. Ainda, são apresentados alguns tópicos de biologia molecular, e também enfocados alguns aspectos patológicos relacionados com os diferentes processos metabólicos.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA
LEHNINGER, A. L.,; NELSOM, D. L.; COX, M. M. Principles of Biochemistry, 2nd ed. New York: Worth, 1993. STRYER, L. Biochemistry, 3rd ed. New York: Wiley, 1.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR
CHAMPE, Pamela C., HARVEY, Richard A. Bioquímica ilustrada. Tradução Ane Rose Bolner. Porto Alegre: Artes Médicas, 2007. MURRAY, Robert K. et al. Harper bioquímica. Tradução Ezequiel Waisbich. 9 ed. São Paulo: Atheneu, 2002. 919 p. KOOLMAN, J& RÖHM, K, H. Bioquímica Texto e atlas. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

- **PATOLOGIA GERAL:** Etiologia, patogenia, fisiopatologia das alterações morfológicas (macroscopia e microscopia) ocorridas nos principais processos patológicos.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA
BRASILEIRO FILHO, GB. Et. Al. Patologia. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan. MONTENEGRO M. F. FRANCO M. Patologia: Processo Gerais, São Paulo, Atheneu. ROBBINS, S.L.. et. Al. Patologia Estrutural e Funcional. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR
ROBINS KUMAR. Patologia básica. 8ed. Rio de Janeiro: Elsevier. 2008. ROBBINS, SL; CONTRAN, RS. Patologia estrutural e funcional. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2000.

- **INTRODUÇÃO A TEORIA SOCIOLOGICA APLICADA A ÁREA DA SAÚDE:** A disciplina de Sociologia para o Curso de Enfermagem tem por finalidade contribuir com o aprendizado crítico dos alunos (as), através da reflexão dos fenômenos que emergem no tecido social, bem como da transversalidade das categorias classe, gênero e raça/etnia, entre os diferentes campos da saúde e das ciências humanas.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA
ARAÚJO, Silvia Maria de; BRIDI, Maria Aparecida e Motim, Benilde Lenzi.. Sociologia: um olhar crítico. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2011. DEMO, P. Sociologia: uma introdução crítica. São Paulo, Atlas, 1999. LAKATOS, M. E; MARCONI, M. Sociologia geral. São Paulo, Atlas, 1999. GRANDA, E. Saúde e sociedade. São Paulo, Cortez, 1999. LOYOLA, M.A. Médicos e curandeiros: conflito social e saúde. São Paulo, DIFEL, 1984. SELL, CArlos Eduardo. Sociologia Clássica: Marx, Durkheim e Weber. 2. ed. Petrópolis, Rj: Vozes, 2010.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR
COSTA, Maria Cristina Castilho. Sociologia: introdução à ciência da sociedade. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Moderna, 2005. FERREIRA, Delson. Manual de Sociologia: dos clássicos à sociedade da informação. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

- **INTRODUÇÃO A FILOSOFIA:** Conceitos de Filosofia: as principais correntes filosóficas enquanto elementos de construção do conhecimento humano e as possíveis relações com o exercício profissional do enfermeiro, subsidiando o aluno em sua relação com o indivíduo, família e comunidade.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA
ALTHUSSER, Louis. IDEOLOGIA E APARELHOS IDEOLÓGICOS DO ESTADO. Lisboa, Editora presença. s/a ALVES, Rubem. FILOSOFIA DA CIÊNCIA. 5 Ed. Brasiliense. São Paulo. 1984. _____. CONVERSAS COM QUEM GOSTA DE ENSINAR. 22 Ed. São Paulo: Cortez, 1988. ARANHA, Maria Lúcia de A. FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO. 2 edição: Moderna, São Paulo, 1996. ARANHA, Maria Lúcia de A. MARTINS, Maria Helena P. TEMAS DE FILOSOFIA. 1º Edição. São Paulo: Moderna, 1992. _____. P. TEMAS DE FILOSOFIA. 3 Edição. São Paulo: Moderna, 2005. _____. FILOSOFANDO: INTRODUÇÃO À FILOSOFIA. 2 Ed.rev.atual. São Paulo: Moderna, 1993. _____. FILOSOFANDO: INTRODUÇÃO À FILOSOFIA. 3 Ed.rev.atual. São Paulo: Moderna, 2004. BORNHEIM, G.A. INTRODUÇÃO AO FILOSOFAR. Porto Alegre. Globo, 1990. BUNGE, Mario. EPISTEMOLOGIA: CURSO DE ATUALIZAÇÃO. São Paulo: T. A. Queiroz/EDUSP, 1980, capítulo 2. BUSSOLA, Carlo. FILOSOFIA PARA O CURSO BÁSICO UNIVERSITÁRIO. 3 ed. e ampl-Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1994. BUZZI, Arcângelo. INTRODUÇÃO AO PENSAR: O SER, O CONHECIMENTO, A LINGUAGEM. Rio de Janeiro: Zahar, 1986. _____. FILOSOFIA PARA PRINCIPIANTES: A EXISTÊNCIA HUMANA NO MUNDO. 13º Edição. Petrópolis-RJ: Vozes, 1991. CARVALHO, João Wilson, TEMAS BÁSICOS EM FILOSOFIA. 2 edição. PROGRAD/UNIFAP, Macapá, 2002. CHAUÍ, Marilena. CONVITE À FILOSOFIA. 13 edição revista e ampliada. São Paulo, Ed. Ática, 2004. _____.. CONVITE À FILOSOFIA. São Paulo, Ed. Ática, 1994. _____. FILOSOFIA: SÉRIE ENSINO MÉDIO. 1º Ed. Ática, São Paulo, 2000.

CHÊTELET, F. "HISTÓRIA DA FILOSOFIA" Vol. 2.
_____. PRIMEIRA FILOSOFIA. São Paulo: Ática, 1994.
CHISHOLM, R. M.: TEORIA DO CONHECIMENTO, Rio de Janeiro: Zahar, São Paulo, 1966.
CORBESIER, Roland. INTRODUÇÃO À FILOSOFIA. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1995.
_____. Enciclopédia Filosófica. 6 ed. São Paulo, Brasiliense, 1986.
CORREIA, Wilson. wilfc2002@yahoo.com.br
CORTELLA, Mario Sergio. A ESCOLA E O CONHECIMENTO: FUNDAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS E POLÍTICOS. São Paulo: Cortez 2000.
COTRIM, Gilberto. FUNDAMENTOS DA FILOSOFIA: SER, SABER E FAZER. 13º Edição. São Paulo: Saraiva, 1997.
_____. FUNDAMENTOS DA FILOSOFIA. HISTÓRIA E GRANDES TEMAS. 15 Ed. Saraiva, São Paulo, 2000.
_____. FUNDAMENTOS DA FILOSOFIA. HISTÓRIA E GRANDES TEMAS. 16 Ed. rev.atual. Saraiva, São Paulo, 2006.
_____. FILOSOFIA TEMÁTICA. São Paulo: Saraiva, 2008.
CORDI, SANTOS, BORBO. PARA FILOSOFAR. Ed. Scipione, São Paulo, 1995.
_____. PARA FILOSOFAR. 4 ed. Ed. Scipione, São Paulo, 2000.
CHISHOLM, R. M. (1966): *TEORIA DO CONHECIMENTO*, Rio de Janeiro: Zahar, pgs. 11-15.
FEITOSA. Charles. EXPLICANDO A FILOSOFIA COM ARTE. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
GAARDEN, Jostein. O MUNDO DE SOFIA. São Paulo. Ed. CIA das Letras. 1991.
GALLO, Silvio (coord). ÉTICA E CIDADANIA: CAMINHOS DA FILOSOFIA: ELEMENTOS PARA O ENSINO DE FILOSOFIA. 11 ed.rev.e atualizada. Campinas-SP: Papirus, 2003
GHIRALDELI, Paulo Jr. O que é necessário à Filosofia - www.filosofia.pro.br
GILES, Thomas R. O QUE É FILOSOFAR? EPU. São Paulo, 1984.
_____. FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO. São Paulo, EPU, 1983.
GRAMSCI, Antônio. CONCEPÇÃO DIALÉTICA DA HISTÓRIA. Rio de janeiro: civilização Brasileira, 1987.
HOSLE, Vitório. K. Nora. O CAFÉ DOS FILÓSOFOS MORTOS. São Paulo. Editora Angra, 2001.
HUISMAN, D. VERGEZ. A. HISTÓRIA DOS FILÓSOFOS ILUSTRADA PELOS TEXTOS. 6 Ed. Freitas Bastos. Rio de janeiro, 1984.
IRWIN, William. MATRIX: BEM VINDO AO DESERTO DO REAL. São Paulo: Madras Editora Ltda, 2003.
JASPER. Karl. INTRODUÇÃO À FILOSOFIA. Cultrix, São Paulo, 1971.
JAPIASSU, Hilton. INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO EPISTEMOLÓGICO. Francisco Alves. RJ, 1990.
JOLIVET, Régis. CURSO DE FILOSOFIA: tradução de Eduardo Prado de Mendonça. 20º. Ed. Rio de Janeiro: Agir, 2001.
MARCONDES, Danilo. INICIAÇÃO À HISTÓRIA DA FILOSOFIA: DOS PRÉ-SOCRÁTICOS A WITTGENSTEIN. 6º ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
_____. UMA HISTÓRIA DA FILOSOFIA OCIDENTAL. (Internet)http://geocities.yahoo.com.br/mcrost09/
_____. UMA HISTÓRIA DA FILOSOFIA OCIDENTAL. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica – RJ, 1987.
MENDONÇA, Eduardo Prado de. O MUNDO PRECISA DE FILOSOFIA. Rio de Janeiro, Agir, 1968.
MONDIM, Batista. CURSO DE FILOSOFIA: OS FILÓSOFOS DO OCIDENTE. Paulinas, São Paulo, 1990.
_____. INTRODUÇÃO À FILOSOFIA: PROBLEMAS, SISTEMAS,

AUTORES, OBRAS. São Paulo: Paulus, 1980.
MORRA, Gianfranco. São Paulo: Paulus, 2001.
MOSÉS, Viviane. Série ser ou não ser. Ética e Indiferença. www.globo.com/fantastico. 29/10/2006.
OLIVEIRA, Cristina G. www.filosofiavirtual.cjb.net.
OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO: REFLEXÕES E DEBATES. 2 Ed. Belém: UNAMA, 2003.
OSBORNE, Richard. FILOSOFIA PARA PRINCIPIANTES. 4 Ed. Rio de janeiro: Objetiva, 1998.
PILETTI, Cláudio e Nelson. FILOSOFIA E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO. 10 Ed. São Paulo, Ed. Ática, 1993.
POLITZER. George. PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS DA FILOSOFIA. São Paulo: Hemus, 1884.
RODRIGUES, Neidson. FILOSOFIA... PARA NÃO FILÓSOFOS. 3 Ed. São Paulo: Cortez, 2002.
SAVIANI, Dermeval. EDUCAÇÃO DO SENSO COMUM À CONSCIÊNCIA FILOSÓFICA. 12 Ed. Campinas – SP: Autores Associados, 1996.
SÁTIRO, Angélica. WUENSCH, na M. PENSANDO MELHOR: INICIAÇÃO AO FILOSOFAR. Ed. Saraiva, São Paulo, 1997.
SCHIRATO, Maria Aparecida Rhein. INICIAÇÃO À FILOSOFIA: VIVA A FILOSOFIA VIVA. São Paulo: Editora Moraes, 1987.
SEVERINO, Antônio J. FILOSOFIA. São Paulo: Cortez, 1993.
SOUZA, Maria Ribeiro de. UM OUTRO OLHAR: FILOSOFIA. São Paulo, 1995.
TELES, Maria Luiza Silveira. FILOSOFIA PARA JOVENS: UMA INICIAÇÃO À FILOSOFIA. 11º Edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
_____. FILOSOFIA PARA O ENSINO MÉDIO. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
TIBURI, Márcia. FILOSOFIA COMUM: PARA LER JUNTO. 4 edição. Rio de janeiro: Record, 2008.
TURNBULL. Neil. FIQUE POR DENTRO DA FILOSOFIA. São Paulo, Cosac e Naif ed., 2001.
VÁSQUEZ, Adolfo Sánchez. ÉTICA. 15 Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.
WARBURTON, Nigel. O BÁSICO DA FILOSOFIA. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2008.
WEISCHEDEL, Wilhelm. A ESCADA DOS FUNDOS DA FILOSOFIA: Editora Angra. São Paulo. 2001.
www.mundodosilosofos.com.br
www.carpediem.com.brwww.filosofiavirtual.cjb.net
www.filosofia.pro.br

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- http://filosofiavivapro.blogs.sapo.pt/18657.html
www.benitopepe.com/2009/02/teoria-critica-12.html ABBAGNANO, Nicola. DICIONÁRIO DE FILOSOFIA. 2 Ed. São Paulo: Mestre Jou, 1962.
_____. HISTÓRIA DA FILOSOFIA. 2.a Edição. São Paulo: EDITORIAL PRESENÇA
AYER, Alfred. "AS QUESTÕES CENTRAIS DA FILOSOFIA". Trad. Alberto Oliva, 1975
BARKER, Stephen F. FILOSOFIA DA MATEMÁTICA. 2 Ed., Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.
BICUDO, Maria A. Viggiani. e GARNICA, Antônio Vicente M. FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA. 2 Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
BITTAR, Eduardo C. B. DOUTRINAS E FILOSOFIAS POLÍTICAS: CONTRIBUIÇÕES PARA A HISTÓRIA DAS IDÉIAS POLÍTICAS. São Paulo: Atlas, 2002.
BOCHENSKY, M. A FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA OCIDENTAL. São Paulo, Herder, 1962.
BRABO, L. (2007) Filosofia Sistemática. http://filosofia.catolico.org.br

CASSIRER, E. ANTROPOLOGIA FILOSÓFICA. São Paulo: Saraiva, 1976.
CHARLOT, B. DA RELAÇÃO COM O SABER: ELEMENTOS PARA UMA TEORIA. Trad. B. Magne. Porto Alegre: Artmed, 2000.
CYRINO, H. & PENHA, C. FILOSOFIA HOJE. 2. ed. Campinas: Papirus, 1992.
DELACAMPAGNE, Cristian. A FILOSOFIA POLÍTICA HOJE; IDÉIAS/DEBATES/QUESTÕES. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
_____.. HISTÓRIA DA FILOSOFIA NO SÉCULO XX. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
FAGUNDES, Márcia Botelho. APRENDENDO VALORES ÉTICOS. Belo Horizontes: Autêntica, 2001.
FEAR, Nicholas. APRENDENDO A FILOSOFAR EM 25 LIÇÕES: DO POÇO DE TALES À DESCONSTRUÇÃO DE DERRIDA. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
FONTANA, Dino. HISTÓRIA DA FILOSOFIA, PSICOLOGIA E LÓGICA. Texto mimeografado.
FORACCHI, Maralice. PEREIRA, Luís. EDUCAÇÃO E SOCIEDADE. 10 edição. São Paulo: Nacional, 1979.
HEGENBERG, Leônidas. EXPLICAÇÕES CIENTÍFICAS: INTRODUÇÃO À FILOSOFIA DA CIÊNCIA. São Paulo: E.P.U. EDUSP, 1973, segunda parte, capítulo 5.
HESSEN, Johannes. TEORIA DO CONHECIMENTO. 6 Ed. Editoria Armênio Amado Coimbra, 1973.
LAKATOS, Eva Maria & MARCONI, Marina de Andrade. METODOLOGIA CIENTÍFICA. São Paulo: Editora Atlas, 1991.
LEGUIZAMON, Hector. Tradução: MONANZA, Ciro. FILOSOFIA: ORIGENS, CONCEITOS, ESCOLAS E PENSADORES. São Paulo: Escala Educacional, 2008.
KOHAN, Walter. ENSINO DE FILOSOFIA: PERSPECTIVAS. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
NISKIER, Arnaldo. FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO: UMA VISÃO CRÍTICA. Consultor, Rio de Janeiro, 1992.
NORONHA, Nelson Matos de. FILOSOFIA DA CIÊNCIA. – Manaus/AM: UEA, 2006.
NUNES, César Aparecido. APRENDENDO FILOSOFIA. 7 Ed. Campinas, Papirus, 1997.
STRECKER Heidi.http://educacao.uol.com.br/filosofia/ult3323u4.jhtm
TEICHMAN, Jenny e EVANS, Katherine C. FILOSOFIA: UM GUIA PARA INICIANTES. São Paulo: Madras, 2009.
http://ateus.net/artigos/filosofia
http://www.fortunecity.com/campus/biology/752/tconh.htm
http://www.serprofessoruniversitario.pro.br/ler.php?modulo=21&texto=1691
http://encfil.goldeye.info/ "Enciclopédia de Filosofia"
http://pfilosofia.fateback.com/
http://www.pfilosofia.pop.com.br/
www.estudantedefilosofia.com.br/doutrinas
- http://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%B3gica

- **INTRODUÇÃO A ANTROPOLOGIA:** Principais conceitos da Antropologia. Ramos da Antropologia e esboço do desenvolvimento. Trabalho de campo. Conceito de Cultura e Simbolismo. Temas da Antropologia Médica. A Bioética. A Dimensão Sociocultural do Corpo. Abordagem Antropológica dos Fenômenos Saúde/Doença. A Especificidade do Problema Mental. Sistemas Médicos: Profissional, Folk. Visão Antropológica da Relação Terapeuta/Paciente.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA
ALVES, Paulo César. Antropologia da Saúde. Rio de Janeiro: Dumará, 1998. Pág. 107 a 121 HELMAN, C. *Cultura,* Saúde e Doença. 2. ed. Porto Alegre, Artes Médicas, 1994 LAPLANTINI, François. Aprendendo Antropologia. São Paulo: Brasiliense, 1999. P. 37-74. GOLDMAN, Márcio. Alguma Antropologia. Rio de Janeiro: Relume- Dumará, 1999. MAUSS, Marcel. Sociologia e Antropologia. São Paulo, 1979. Pág. 211-218.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR
CORREA, Mariza. In: AAVV. Caminhos Cruzados. São Paulo: Brasiliense, 1982. Pág.54-63. QUINTANA, Alberto. M. *A* Ciência da Benzedura. Bauru: Edusc, 1999. Pág.23 a 40. RODRIGUES, José Carlos. Tabu do Corpo. 3a ed. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983. Pág. 43-126 SCHWARCZ, Lilia Moritz. Raça e diversidade. São Paulo: Edusp. 1997. Pág147-185. SOUZA, Laura de Mello e. Inferno Atlântico. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. Pág. 147-161.

- **MICROBIOLOGIA GERAL:** Aspectos gerais dos fungos, vírus e bactérias, morfologia e ultraestrutura, replicação e identificação; relações entre os microrganismos e o organismo hospedeiro; aspectos da biologia dos microrganismos agressores e microbiota normal. Estudo dos grupos de microrganismos interesse clínico, métodos gerais de identificação e coloração.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA
BIER, O. Microbiologia e Imunologia. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan. DAVIS, B. D. Microbiologia. São Paulo, Edart. ROITT, I. H. et. al. Microbiologia Médica. São Paulo, Manole. TRABULSI, L. R. Microbiologia. Rio de Janeiro, Atheneu.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR
BARBOSA, Heloiza R.; TORRES, Bayardo B. Microbiologia Básica. São Paulo: Ed. Atheneu, 2005. RIBEIRO, Mariângela C.; SOARES, Maria M. S. R. Microbiologia Prática – Roteiro e Manual. São Paulo: Atheneu, 2011.

- **IMUNOLOGIA:** Conceitos básicos em imunologia. Propriedades gerais das respostas imunes. Componentes do sistema imune inato e adquirido. Inflamação e migração celular. Mecanismos de reconhecimento do antígeno e ativação dos linfócitos T. Complexo Principal de Histocompatibilidade. Imunidade celular e humoral. Mecanismos efetores da imunidade celular e humoral. Estrutura e função das imunoglobulinas. Sistema complemento. Imunologia dos grupos sanguíneos. Imunologia dos transplantes. Reações de hipersensibilidades. Autoimunidade e imunodeficiências.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA
ANTUNES, L. J. Imunologia Básica. Livraria Atheneu, São Paulo. BIER, O. Bacteriologia e Imunologia. 25 ed. Melhoramentos, São Paulo. DAWIS, B. D. et. al. Microbiologia. Vol. I. II. III e IV 2ª ed. Harper e Row do Brasil, São Paulo. TRABULSI, L.R. Microbiologia. Livraria Atheneu.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR
STEWART SELL. Imunologia, Imunopatologia e Imunidade. 1ed. São Paulo: Atheneu, 2007. PEAKMAN, M.; VERGANI, D. Imunologia básica e clínica. 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2001. ROITT, I. Imunologia. 6.ed. São Paulo: Manole, 2003.

- **HISTORIA E TEORIAS DE ENFERMAGEM:** Estudo da evolução da enfermagem enquanto profissão institucionalizada, de sua origem aos tempos atuais à luz dos contextos sócio-cultural, político, ético e filosófico e, estudo dos conteúdos das teorias de Enfermagem, observando como a Enfermagem é focalizada, procurando entender o seu significado para o desenvolvimento de sua prática.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA
ALMEIDA, M. C. P.; ROCHA, J. S. Y. O saber de Enfermagem e a sua Dimensão Prática. São Paulo: Cortez, 1986. NAKAMAE, D. D. Novos Caminhos da Enfermagem por Mudanças no Ensino e na Prática. São Paulo: Cortez, 1987. GERMANO, R. Educação e Ideologia na Enfermagem no Brasil. São Paulo: Cortez, 1985. GIOVANINI, T. et al. História de Enfermagem – Versões e interpretações. Rio de Janeiro: Revinter, 1995.HORTA, Wanda de Aguiar. Processo de Enfermagem. São Paulo: EPU, 1979. SILVA, G. B. Enfermagem Profissional-análise crítica. São Paulo: Cortez, 1986.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR
BOFF, L. Saber cuidar: ética do humano-compaixão pela terra. Petrópolis: Vozes, 1999. OGUISSO, T. Trajetória histórica e legal da Enfermagem. São Paulo: Manole, 2005. WALDOW, V. R. et al. Maneira de cuidar, maneiras de ensinar a enfermagem entre a escola e a prática profissional. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

- **FISIOLOGIA E BIOFÍSICA:** Estuda os princípios da homeostasia dando ênfase a bioeletrogênese de sinais, gênese do potencial de ação, biofísica dos canais iônicos. Neurofisiologia. Fisiologia muscular e endocrinofisiologia e fisiologia da reprodução.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA
BERNE, R. M.; LEVY, M. N. Fisiologia. 5. edição, Rio de Janeiro, Ed. Guanabara Koogan, 2004. GUYTON, A. C. Tratado de fisiologia médica. 10. ed., Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 2002. JOHNSON, L.R.. Fundamentos de Fisiologia Médica. 2. Edição, Guanabara Koogan, 2000.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR
BULLOCK, J.; WANG. M. B. Physiology. 3rd edition, Williams & Wilkins, 1995. EYZAGUIRRE, C.; FIDONE, S. J. Fisiologia do sistema nervoso. 2 ed., Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1977. GANONG, W.F. Review of medical physiology. Fifteenth edition. Califórnia, Appleton & Lange, 1991. GUYTON, A. C. Fisiologia humana e mecanismos das doenças. 5 ed., Rio de janeiro, Guanabara Koogan, 1992. LEHNINGER; NELSON; COX. Princípios de Bioquímica. Sarvier, 1995.

LOSSOW, J. F. Anatomia e fisiologia humana. 5 ed., Rio de janeiro, Guanabara Koogan, 1990.
SCHMIDT, R. F. Neurofisiologia. 4 ed., São Paulo, E. P. U., 1977.
SCHAUF, C. ,MOFFETT, D.; MOFFETT, S. Fisiologia humana. 1ed., Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1993.
SOARES, J.L.F. et al. Métodos Diagnósticos (consulta rápida), ArtMed, 2002.
TAVARES, P.; FURTADO, M.; SANTOS, F. Fisiologia humana. 1 ed., Rio de Janeiro, Liv. Atheneu. 1984.
THIES, R. Physiology. 4 ed. Springer-Verlag, 1995.
VANDER-SHERMAN, LUCIANO. Fisiologia humana. 4 Ed., São Paulo, Ed. MCGraw-Hill, 1981.
WALLACH, J. Interpretação de exames de laboratório. 6. Edição, MedSi, 1999.

- **FARMACOLOGIA GERAL:** Estudo dos princípios da farmacologia: a farmacocinética – absorção, metabolização, biodistribuição e eliminação das drogas; a farmacodinâmica – receptores farmacológicos e mecanismos de ação; Interações medicamentosas; Farmacologia do Sistema Nervoso Autônomo; Farmacologia cardiovascular e renal; Farmacologia do Sistema Nervoso Central e Farmacologia do Processo Inflamatório.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

KATZUNG, B.G. Farmacologia Básica Clínica. 8. ed. Rio de janeiro. Guanabara. 2003.
RANG, H.P.; DALE, M.M.; RITTER, J.M. Farmacologia. 5. edição. Editora Guanabara-Koogan, 2005.
GILMAN, A. G.; GOODMAN, L. S.; RALL, T.W. E MURAD, F. As Bases Farmacológicas da Terapêutica. *McGraw-Hill Interamericana do Brasil,* 11ª edição, 2003.
SILVA, P. Farmacologia. 63 Ed. Rio de Janeiro. Guanabara Koogan. 2002.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

GRAEFF, F. G.; GUIMARÃES, F. S. Fundamentos de Psicofarmacologia. Editora Atheneu. 2000.
SALZANO, F. M. Genética e Farmácia. Editora Manole Ltda. 1990.
VALLE, L. B. S.; OLIVEIRA-FILHO. R. M.; DE LÚCIA, R.; OGA,S. Farmacologia Integrada. Volume I - Princípios Básicos.
SALLES, J. M.; Antibióticos: quando Indicar, como Usar. 23 Ed. Editora Universitária. - UFPA. 1996.
CARVALHO, J.C.T. Fitoterápicos antiinflamatórios (aspectos químico, farmacológico e aplicações terapêuticas). Editora TeccMed. 2004.
CARVALHO, J.C.T. Formulário Médico-Farmacêutico de Fitoterapia. Editora Pharmabooks, S. Paulo, 2005.
CARVALHO, J.C.T. & ALMANÇA, L. Formulário de Prescrição Fitoterápica. Editora Atheneu, S. Paulo, 2003.

- **INSTRUMENTOS E PROCESSOS DE ENFERMAGEM:** Estudo das necessidades humanas básicas; sistematização da assistência de enfermagem a partir dos diagnósticos estabelecidos. Atendimento de cliente no serviço de saúde utilizando o diagnóstico de enfermagem.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ALFARO-LEFEVRE, Rosanlinda. A Aplicação do Processo de Enfermagem: um guia. São Paulo: Artmed, 2002.
ATKINSON, Leslie D. Fundamentos de Enfermagem: Introdução ao Processo de Enfermagem. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.
CIANCIARULLO. T. I. Instrumentos Básicos para o Cuidar. Um desafio para a qualidade da assistência. São Paulo: Atheneu, 1996
DANIEL, Liliane Felcher. A Enfermagem Planejada. 3 ed. São Paulo: E.P.U., 1983.
FARIAS, Juracy Nunes et al. Diagnóstico de Enfermagem: uma abordagem conceitual prática. João Pessoa: Santa Maria, 1990.
HORTA, Wanda de Aguiar. Processo de Enfermagem. São Paulo: EPU, 1979.
IYER, Patrícia W.; TAPTICH, Barbara J.; BERNOCCHI LOSEY, Donna. Processo de Diagnóstico de enfermagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
KAWAMOTO, Emília Emi. Fundamentos de Enfermagem. São Paulo: E.P.U., 1997.
PAIM, R.C Nogueira. Problema de Enfermagem e Terapia Centrada nas Necessidades do Paciente. Rio de Janeiro: 1978.
POTTER, Patrícia. Fundamentos de Enfermagem: Conceitos, Processos e Práticas. Rio de janeiro: Guanabara Koogan, 1999.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BEVILACQUA, F et al. Manual de Exame Clínico. 13.ed. Rio de Janeiro; Cultura Médica, 2003.
CARMAGNANI, M. I.S et al. Procedimentos de Enfermagem: Guia Prático. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009.
ANGERAMI-CAMON, V. A. A ética na Saúde. São Paulo: Pioneira, 1997.

- **SAÚDE COLETIVA I:** Fundamentos de medicina preventiva: caracterização de família e comunidade, hábitos de saúde na família e comunidade, comunidade como paciente processo de enfermagem centrado na comunidade, processo de enfermagem centrado na família.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BRAGA, D. G. Conflitos, Eficiência e Democracia na Gestão Pública. Ed. FIOCRUZ. Rio de Janeiro. 1998
BRASIL, Lei orgânica de saúde: nº. 8080/90 e 8142/90. Brasília (DF): Ministério da Saúde. 1990.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

RIBEIRO, M.A Ecologizar: pensando o ambiente humano. 2 ed. Belo Horizonte: Rona, 2000.
VASCONCELOS, E.M. (org). A saúde nas palavras e nos gestos: reflexões da rede Educação Popular e Saúde. São Paulo: Hucitec,2001.
TRECK, D. R et al . Paulo Freire: ética, utopia e educação. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
REIGOTA, M. Meio ambiente e representação social. São Paulo: Cortez, 2001.

- **GENÉTICA:** As leis básicas da Genética. Herança e ambiente. Interações genéticas. Determinação gênica do sexo e herança ligada ao sexo. Ligação. Recombinação e mapeamento genético. Noções de herança quantitativa e citoplasmática. Os genes nas populações. Frequências gênicas e genotípicas. O equilíbrio de Hardy-Weinberg. Fatores que alteram o equilíbrio de Hardy-Weinberg.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA
BEIGUELMAN,B. Citogenética Humana. Rio de Janeiro. Editora. Guanabara Koogan. 2001. GRIFFITHS, A. J. F.; MILLER, J. H. & LEWONTIN, R. C. Introdução à Genética. Rio de Janeiro.Editora Gunabara Koogan.7 Ed.2002. GUERRA, M. Introdução à Citogenética Geral. Rio de Janeiro.Editora: Guanabara Koogan.6 Edição.1988. RAMALHO, M.; SANTOS, J. B. & PINTO, C. B. Genética na Agropecuária. São Paulo. Editira: Globo.5 Edição.1996. SNUTAD, P.; SIMMONS, M. J. Fundamentos de Genética. Rio de Janeiro.Editora: Guanabara Koogan.2 Ed. 2001. THOMPSON & THOMPSON. Genética Médica. Rio de Janeiro.Editora Guanabara Koogan.7 Edição.2002.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR
BROW, T. A. Genética: um enfoque molecular. 3 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998. 335p. STANFIELD, W. D. Genética. Trad. De T. R. S. Jabardo. 2 Ed. São Paulo: McGraw-Hill, 1985.

- **PARASITOLOGIA GERAL:** Conhecimento básico dos aspectos gerais, morfologia, biologia e patogenia dos parasitas mais importantes que ocorrem no Brasil, assim como do diagnóstico, tratamento, epidemiologia e profilaxia das doenças, principais, parasitárias.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA
NEVES, D.P. Parasitologia Humana, Atheneu, São Paulo. PESSOA, S.B., MARTINS, A.V. Parasitologia Medica. Guanabara Koogan, Rio de Janeiro. REY. Bases de Parasitologia Medica. Guanabara Koogan, Rio de Janeiro.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR
VERONESI, R. Doenças Infecciosas e Parasitárias. 8 Ed. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1991. LEVENTHAL, R.; CHEADLE, R. Parasitologia Médica: Texto e Atlas. 4 ed., São Paulo, Premier, 2000.

- **SEMIOLOGIA E SEMIOTÉCNICA:** Estudo dos sinais e sintomas, exame físico, cuidados de enfermagem no atendimento das necessidades Humanas Básicas.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA
ALFARO-LEFEVRE, Rosanlinda. A Aplicação do Processo de Enfermagem: um guia. São Paulo: Artmed, 2002. ATKINSON, Leslie D. Fundamentos de Enfermagem: Introdução ao Processo de Enfermagem. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989. CIANCIARULLO. T. I. Instrumentos Básicos para o Cuidar. Um desafio para a qualidade da assistência. São Paulo: Atheneu, 1996 DANIEL, Liliane Felcher. A Enfermagem Planejada. 3 ed. São Paulo: E.P.U., 1983. KAWAMOTO, Emília Emi. Fundamentos de Enfermagem. São Paulo: E.P.U., 1997. KNOBEL, Elias. Condutas no Paciente Grave. São Paulo: Atheneu, 1998. PAIM, R.C Nogueira. Problema de Enfermagem e Terapia Centrada nas Necessidades do Paciente. Rio de Janeiro: 1978. POTTER, Patrícia. Fundamentos de Enfermagem: Conceitos, Processos e Práticas. Rio de janeiro: Guanabara Koogan, 1999.

POSSO, Maria Belen Salazar. Semiologia e Semiotécnica de Enfermagem. São Paulo: Atheneu, 2002.
SKELLEY, Esther G. Medicação e Matemática na Enfermagem. São Paulo: E.P.U., 1997.
SUDDARTH, Doris Emith. Prática de Enfermagem. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1994.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

FIGUEIREDO, Nébia M. A.; VIANA, Dirce L.(Coord.). Tratado Prático de Enfermagem. São Paulo: Yendis, 2006.
MOTTA, Ana L. C. Normas, rotinas e técnicas de Enfermagem. 5 ed. São Paulo: Iátria, 2008.
NETTINA, Sandra M. Prática de Enfermagem. 8 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007.

- **ENFERMAGEM EM DOENÇAS TRANSMISSÍVEIS:** Assistência de enfermagem nas doenças transmissíveis, em nível primário, secundário e terciário, com ênfase na determinação social do processo saúde-doença, no controle das fontes de infecção e na vigilância epidemiológica das doenças transmissíveis, sob a forma de ensino teórico e prático.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

VERONESI, R.; FOCACCIA, R. Tratado de Infectologia. São Paulo, ATHENEU, 1997.
BRASIL. FUNDAÇÃO NACIONAL DE SAÚDE. Guia de Vigilância Epidemiológica. Brasília, 2002.
HERMAN, H; PEGARARO, A S. Enfermagem em Doenças Transmissíveis. São Paulo,E.P.U. 1986.
TAKAHASHI, R.F. et al. Intervenções de Enfermagem em Infectologia. In: VERONESI, R.; FOCACCIA, R. Tratado de Infectologia. São Paulo, ATHENEU, 1997. Cap 126, p. 1535.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

AYLIFFE ; LOWBURY, E.J.L.; GEDDES, A. M.; WILLIANS, J.D. Controle de infecção hospitalar: Manual Prático Revinter. rio de janeiro1998.
COLOMBRINI, M R C Enfermagem em infectologia: cuidados com o paciente internado Atheneu São Paulo. 2004.
SCHECHTER, M; MARANGONI, V D. Doenças infecciosas: conduta diagnóstica e terapêutica. Guanabara Koogan Rio de janeiro 1998.

- **FARMACOLOGIA CLÍNICA:** A disciplina orienta-se pela aplicação do método farmacológico-clínico à decisão terapêutica, considerando os seguintes conteúdos: Pesquisa em farmacologia clínica, farmacologia aplicada as manifestações gerais de doenças, situações especiais em farmacologia: antibióticos, antiinflamatórios e sistemas .

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

KATZUNG, B.G. Farmacologia Básica Clínica. 8. ed. Rio de janeiro. Guanabara. 2003.
RANG, H.P.; DALE, M.M.; RITTER, J.M. Farmacologia. 5. edição. Editora Guanabara-Koogan, 2005.
GILMAN, A. G.; GOODMAN, L. S.; RALL, T.W. E MURAD, F. As Bases Farmacológicas da Terapêutica. *McGraw-Hill Interamericana do Brasil*, 11ª edição, 2003.

SILVA, P. Farmacologia. 63 Ed. Rio de Janeiro. Guanabara Koogan. 2002.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CARVALHO, J.C.T. Formulário Médico-Farmacêutico de Fitoterapia. Editora Pharmabooks, S. Paulo, 2005.
CARVALHO, J.C.T. & ALMANÇA, L. Formulário de Prescrição Fitoterápica. Editora Atheneu, S. Paulo, 2003.
CARVALHO, J.C.T. Fitoterápicos Antiinflamatórios (aspectos químico, farmacológico e aplicações terapêuticas). Editora TeccMed. 2004.
GRAEFF, F. G.; GUIMARÃES, F. S. Fundamentos de Psicofarmacologia. Editora Atheneu. 2000.
SALLES, J. M.; Antibióticos: quando Indicar, como Usar. 23 Ed. Editora Universitária. - UFPA. 1996.
SALZANO, F. M. Genética e Farmácia. Editora Manole Ltda. 1990.
VALLE, L. B. S.; OLIVEIRA-FILHO. R. M.; DE LÚCIA, R.; OGA,S. Farmacologia Integrada. Volume I - Princípios Básicos.

- **ADMINISTRAÇÃO EM SERVIÇOS DE SAÚDE:** Trata da estrutura e organização dos serviços de saúde, abordando o gerenciamento, sua relação com as demais atividades, com as normas e legislações pertinentes. Enfoca a organização de serviços de saúde, analisando o gerenciamento destacando as teorias administrativas, os níveis de complexidade da saúde e dos serviços tendo como base o perfil epidemiológico.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BRAGA, D. G. Conflitos, Eficiência e Democracia na Gestão Pública. Ed. FIOCRUZ. Rio de Janeiro. 1998.
BRASIL, Lei orgânica de saúde: nº. 8080/90 e 8142/90. Brasília (DF): Ministério da Saúde. 1990.
BRASIL, Governo do Distrito Federal, Secretaria de Estado de Saúde. Diretoria de Saúde do Trabalhador – DISAT. Gerenciamento de Resíduos de Serviços de Saúde. Manual de Gestão de Resíduos de Saúde. Governo do Distrito Federal. 2003.
BRASIL, Governo do Estado de São Paulo. Vigilância Sanitária de São Paulo, Uma Trajetória no SUS. Governo do Estado de São Paulo. 2002
CHIAVENATO, Idalberto. Introdução a Teoria Geral da Administração. São Paulo: MC Graw Hill do Brasil.
CIANCIAULLO, Tamara Iwanow, C&Q: Teoria e Prática em Auditoria de Cuidados. São Paulo: Ícone, 1997.
COHN, Amélia. Saúde no Brasil: Políticas e Organização de Serviços. Ed. CORTEZ. 2 Edição. 1998.
FARIA, J. C. Administração. Teorias & Aplicações. Ed. Pioneira Thomson. São Paulo. 2002.
REVISTA, Hospital Administração e Saúde – Centro São Camilo de Desenvolvimento em Administração em Saúde.
ROUQUARYOL, M. Z. Epidemiologia & Saúde. 5 Ed. Editora MEDSI. São Paulo. 2001.
SISSINO, C. L. S. Resíduos Sólidos, Ambiente e Saúde. Uma visão multidisciplinar. Ed. FIOCRUZ. Rio de Janeiro. 2000.
SILVA, Maria Julia Paes da. Comunicação tem Remédio?. Ed. Gente, 1996.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

MAUDOMET, Renato Bento. Administração Hospitalar. Cultura médica.

NETO, V. G. Administração. Textos de Apoio. Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio. Ed. FIOCRUZ. Rio de Janeiro. 2001.

- **NUTRIÇÃO**: Abordam pontos históricos da alimentação humana e sua evolução, os hábitos alimentares em diferentes momentos históricos; classificação dos alimentos e suas características nutricionais para o organismo humano, visando a compreensão das diferentes funções de cada um na promoção da saúde, prevenção de doenças e no tratamento de patologias. Referenda a nutrição e dietética como meio de controle e tratamento de patologias mais comuns nos diferentes ciclos de vida.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA
DOVERA, T. M. D. S. Nutrição Aplicada ao Curso de Enfermagem. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007. DUTRA-DE-OLIVEIRA, J. E & MARCHINI, J. S. Ciências Nutricionais. São Paulo: Sarvier, 1998. FARREL, M. L & NCOTERI, J. A. L. Nutrição em Enfermagem: fundamentos para uma dieta adequada. Tradução Idília RibeiroVanzellotti. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. MAHAN, L. Kathleen. Escott-Stump. Krause: alimentos, nutrição e dietoterapia. 11. ed. São Paulo : Roca, 2005. WAITZBERG, Dan Linetzky. Nutrição oral, enteral e parenteral na prática clínica. SP, Atheneu, 2001.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR
BRASIL. Ministério da Saúde – Política Nacional de Alimentação e Nutrição. Secretaria de Políticas de Saúde. Departamento de Formulação de Políticas de Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2000. – Disponível no site www.Saude.Gov.br. SANTOS, T. E. H. H. Nutrição em Enfermagem. 2 edição, Ribeirão Preto, SP: Tecmedd, 2004. Periódicos: - Nutrição em Pauta - Nutrire: revista da Sociedade Brasileira de Alimentação e Nutrição. Sites: www.scielo.br; www.portaldapesquisa.com.br; www.Saude.gov.br

- **SAÚDE COLETIVA II:** A disciplina deve gerar conhecimentos relacionados a saúde local, com meio ambiente natural e construído e ser trabalhada dentro desta perspectiva, sem perder de vista sua integração com o mundo, e, sobretudo implicar em um exercício permanente de interdisciplinaridade. Saber que essa relação propicia saúde e/ou doença se dá a partir do entendimento que cada sujeito tem de sua relação com o meio ambiente. Assim sendo, faz-se necessário que no campo da saúde se estabeleça compreensão, análise e pressupostos para construção de conhecimentos que elucidem o meio ambiente como fator determinante da saúde humana.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA
BRASIL. Agenda 21. Disponível em: http://www.mma.gov.br. Acesso em 13/06/2005. CANGUILHEM, G. O normal e o patológico. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. CZERESNIA, D.; FREITAS, C.M. (orgs). Promoção da Saúde: conceitos, reflexos, tendências.

Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003.
CAMPOS, G.W.de S. et al. Tratado de Saúde coletiva. São Paulo: Hucitec/Rio de janeiro: FIOCRUZ, 2007.
KLOETZEL, K. O que é meio ambiente. 2 ed. São Paulo:Brasiliense,1994. (Coleção Primeiros Passos).
LEFF, H. Saber Ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. 2 ed.Petrópolis: Vozes, 2002. Trad: Lúcia Matilde Endlich Orth.
MINAYO, M.C.S., MIRANDA, A.C.(orgs). Saúde e ambiente sustentável: estreitando nós. Rio de janeiro: Fiocruz, 2002.
REIGOTA, M. O que é educação ambiental. São Paulo:Brasiliense, 2001.
_____. (Org). Verde cotidiano: o meio ambiente em discussão. 2 ed. Rio de Janeiro:DP&A, 2001.
VALLA, V. V.(Org). Saúde e educação. Rio de Janeiro:DP&A, 2000.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

RIBEIRO, M.A Ecologizar: pensando o ambiente humano. 2 ed. Belo Horizonte: Rona, 2000.
VASCONCELOS, E.M. (org). A saúde nas palavras e nos gestos: reflexões da rede Educação Popular e Saúde. São Paulo: Hucitec,2001.
TRECK, D. R et al . Paulo Freire: ética, utopia e educação. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
REIGOTA, M. Meio ambiente e representação social. São Paulo: Cortez, 2001.

❖ **ENFERMAGEM NO CONTEXTO ETNICO CULTURAL:** Esta disciplina pretende abordar o tema do cuidado de enfermagem no contexto étnico e cultural, preparando os enfermeiros para cuidar de pessoas provenientes de diversas etnias e culturas em especial dos povos indígenas, devido à grande diversidade destes na região onde se desenvolve o curso em tela.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

MINISTÉRIO DA SAÚDE (BR). Política nacional de atenção á saúde dos povos indígenas. Brasília (DF): Fundação Nacional de Saúde; 2002. 40 p.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (BR). Atendimento integral à saúde indígena. Brasília (DF): Fundação Nacional de Saúde; 1999-2001. Disponível em: URL: <http://www.funasa.gov.br>. Acessado em: 2003 jan 20.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (BR). Saúde indígena: etnodesenvolvimento das sociedades indígenas. Brasília (DF); 2001.52 p.

SAVIANI D. A nova lei da educação: trajetória, limites e perspectivas. 6ª ed. Campinas (SP): Autores Associados; 2000. (Educação contemporânea).

MINISTÉRIO DA SAÚDE (BR). Sistema Único de Saúde (SUS): princípios e conquistas. Brasília (DF); 2000.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (BR). Câmara de Educação Superior. Resolução CNE/CES 3/2001. Diário Oficial da União, Brasília (DF) 2001 nov 9;Seção 1:17.

RAMOS, M.N.P. Comunicação e saúde em contexto multicultural. IV ENECULT. Faculdade de Comunicação/ UFBa, Salvador- Bahia-Brasil. 2008

SILVA, N. CH., Gonçalves, M. J. F., Neto, D. L. Enfermagem em saúde indígena:aplicando as diretrizes curriculares. Rev. bras. Enferm. Vol.56 no 4. Brasília July/Aug. 2003.

CHOR, D., LIMA, C. R. A. Aspectos epidemiológicos das desigualdades raciais em saúde no

Brasil. Cad. Saúde Publica. vol. 21 no. 5 Rio de Janeiro. Sept./Out.2005.

- **ENFERMAGEM MATERNO INFANTIL NA ATENÇÃO BÁSICA**: Proporcionar o discente de enfermagem através de conhecimentos adquiridos a prestar assistência humanizada e sistematizada a mulher, a criança, ao adolescente e a comunidade a nível Nacional, Regional e Local, de forma holística embasado nos conteúdos teóricos/práticos. Estimular o discente a desenvolver ação de forma reflexiva diante das necessidades humanas afetadas de forma individual, coletiva, voltada para a atenção primária, atendendo os princípios do SUS, assim como desenvolver projetos de pesquisa que possa colaborar no processo transformador no campo da saúde.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA
CRANLEY, M. S.; ZIEGEL, E. E. – Enfermagem Obstétrica – 2. Ed. Rio de Janeiro, Interamericana, 1985. FREITAS, F. Rotinas em obstetrícia. 5 ed. Artmed, Porto Alegre/RGS, 2006. MONTENEGRO, C. A. B.; REZENDE FILHO, J. Obstetrícia Fundamental. 11. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008. WHALEY, L. F.; WONG, D. L. Enfermagem Pediátrica. 5 ed. Rio de Janeiro. Guanabara. Koogan.1999. RICCI, S.S. Enfermagem materno-Infantil e Saúde da Mulher. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR
MONTEIRO, D. L. M; TRAJANO,A. J. B; BASTOS, A. C. Gravidez e Adolescência, Ed Revinter, Rio de Janeiro, 2009. HACKER, N. F. Fundamentos de ginecologia e obstetrícia. Artes Médicas, Porto Alegre/R.G.S 1994.

- **PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO:** Tem como finalidade proporcionar o conhecimento sobre o processo de desenvolvimento humano sob vários aspectos, como psicoafetivo, cognitivo e maturacional da criança, adolescente, adulto e do idoso.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA
ABERASTURY, A; KNOBEL, M. Adolescência normal. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981. ALVES, R. As cores do crepúsculo: - a estética do envelhecer. Campinas, SP: Papirus, 2001. BARROS, Célia S. G. Pontos de Psicologia escolar. São Paulo: Ática, 1995. BÉZIERS, M.M; HUNSINGER, Y. O bebê e a coordenação motora: os gestos apropriados para lidar com a criança. São Paulo: Summus editorial, 1994. BRÊTAS, J.R.S; SANTOS, F.Q. Aspectos da Teoria Piagetiana: da biologia a cognição. Rev. ACTA Paulista de Enfermagem, São Paulo, v.15, n.3, p. 87-96, 2002. CÓRIA – SABINI, M. A . Fundamentos de Psicologia educacional. São Paulo: Ática, 1991. DAVIS, Cláudia e OLIVEIRA, Zilma de. Psicologia na Educação. São Paulo: Cortez, 1993. FONSECA, V. Manual de Observação Psicomotora: significação Psiconeurológica dos fatores psicomotores. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. FONSECA, V. Psicomotricidade e Psiconeurologia: Introdução ao Sistema Psicomotor Humano. Rev. Neuropsiq. da Infância e Adolescência, v.2, n.3, p. 23-33, 1994.

GESELL, A. A criança dos 0 aos 5 anos. São Paulo: Martins Fontes, 1985.
GESELL, A. A criança dos 5 aos 10 anos. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
GOULART, Íris B. Psicologia da Educação: fundamentos teóricos e aplicações à prática pedagógica. Petrópolis : Vozes, 1987.
HOLLE, B. Desenvolvimento motor na criança normal e retardada. São Paulo: Manole, 1979.
LE BOULCH, J. O desenvolvimento psicomotor do nascimento até 6 anos. Porto Alegre:Artes Médicas, 1985.
NERI, A. L. et al. Psicologia do envelhecimento. Campinas, SP: Papirus, 1995.
PILETTI, N. Psicologia Educacional. São Paulo: Ática, 1991. Vozes
PULASKI, M.A.S. Compreendendo Piaget: uma introdução ao desenvolvimento cognitivo da criança. Rio de Janeiro, Guanabara , 1986.
RAPPAPORT,C.R. Psicologia do Desenvolvimento : Teorias do desenvolvimento - conceitos fundamentais. São Paulo, EPU, 1981. . V.1.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

RAPPAPORT, C.R. Psicologia do Desenvolvimento: A idade escolar e adolescência. São Paulo, EPU, 1981. V.4.
WINNICOTT, D.W. Os bebês e suas mães. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
WINNICOTT, D.W. A família e o desenvolvimento individual. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
WINNICOTT, D.W. Natureza Humana. São Paulo: Editora Imago, 1990.
WONG, D.L. Whaley & Wong - Enfermagem Pediátrica: Elementos essenciais à intervenção efetiva. Rio de Janeiro, RJ: Editora Guanabara Koogan, 1999.

- **ENFERMAGEM NA SAÚDE DO ADULTO E DO IDOSO:** Pretende-se instrumentalizar o graduando de enfermagem ä realização de assistência à população adulta e idosa usuária da atenção básica de saúde a partir da oferta de conteúdos teóricos/práticos, as medidas de controle que podem ser adotadas mediante os cuidados preventivos em grupos especiais na fase adulta e idosa. Estabelece a relação de interdependência das disciplinas necessárias, para realizar cuidados qualificados nessas fases da vida humana. Incentiva a vivência do modelo de atendimento interdisciplinar, despertando no acadêmico o interesse em contribuir nos cuidados dispensados a esses grupos, possibilitando a percepção e implementação de linha holística no atendimento das necessidades básicas dessa clientela.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BENSOUSSAN, E. ; ALBIERI, S. Manual de higiene, segurança e medicina do trabalho. São Paulo: Atheneu, 1997.
BRASIL, Ministério da Saúde. Redes estaduais de atenção à saúde do idoso: guia operacional e portarias relacionadas, Brasília – DF, 2002.
_____. Portaria nº 1395 de 09/12/1999 que aprova a Política nacional de saúde do idoso e dá outras providências. Diário Oficial (da) República Federativa do Brasil, Brasília-DF, nº 237-E. p.21, 13 de dezembro, seção 1, 1999.
_____. Diabetes Mellitus. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. – Brasília : Ministério da Saúde, 2006.
_____. Hipertensão arterial sistêmica para o Sistema Único de Saúde. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. – Brasília : Ministério da

Saúde, 2006.
_____. Obesidade. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. – Brasília. Ministério da Saúde, 2006.
BRÊTAS, A. C. P. ; GAMBA, M. A. (Orgs), CIANCIARULHO, T. (Coord). Enfermagem e saúde do adulto. São Paulo: Manole, 2006.
CALDAS, C. P; SALDANHA, A. L. (org). Saúde do Idoso: a arte de cuidar. 2.ed. Rio de Janeiro: Interciência, 2004.
FIGUEIREDO, N. M. de; TONINI, T. (org).GERONTOLOGIA: Atuação da Enfermagem no Processo do Envelhecimento. São Caetano do Sul, SP: Yendis Editora, 2006.
FREITAS, E. V. de.; GORZONI, M. L. do.; PY, L. Tratado de geriatria e gerontologia. 2 ed. São Paulo: Guanabara, 2006.
MENDES, R. Patologia do Trabalho. Rio de Janeiro: Ateneu.1995.
NETO, P.M. Tratado de Gerontologia. 2 ed. São Paulo: Atheneu, 2006.
ROUQUAYROL, M. Z. ; FILHO, N de A. Epidemiologia & Saúde. 6 ed.Rio de Janeiro: Medsi, 2003.
SCHRAIBER, L. B. ; NEMES, M. I. B.; GONÇALVES, R. B. M. Saúde do Adulto: Programas e Ações na Unidade Básica. S.P: Hucitec. 1996. Saúde em Debate. Série Didática.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

RIO, R.P. do. PCMSO-Programa de Controle Médico de saúde Ocupacional. Belo Horizonte: Health.1996.
SANTOS, Z.M.de S. A.; SILVA, R. M. da. Hipertensão Arterial: modelo de educação em saúde para o autocuidado. Fortaleza: UNIFOR, 2002.
CARVALHO-FILHO, E. T. et al. Iatrogenia em pacientes idosos hospitalizados. In: Revista de saúde pública, 32 (1), 1998. p: 36-42.
CHAIMOWICZ, F. ; GRECO, D. B. Dinâmica da institucionalização de idosos em belo Horizonte. In: Revista de saúde pública, 33(5), 1999. p: 454-460.
CHAIMOWICZ, F. A saúde dos idosos brasileiros às véspera do século XXI: problemas, projeções e alternativas. In: Revista de saúde pública, 31 (2), 1997. p: 184-200.
LUECKENOTTE, A. Avaliação em Gerontologia. Rio de Janeiro: Reichmann & Afonso Ed, 2002.
ROSA, T. E. da C. et al. Fatores determinantes da capacidade funcional entre idosos. In: Revista de saúde pública, 37(1), 2003. p:40-48.
FILHO, E. T. de C.; NETTO, M. P. Geriatria: Fundamentos, Clínica e Terapêutica. 2.ed São Paulo: Atheneu. 2006.

- **ÉTICA, BIOÉTICA E LEGISLAÇÃO:** Estudo de situações que necessitem do conhecimento ético, bioético e legal do profissional enfermeiro, fornecendo ao acadêmico, mecanismos técnicos e bibliográficos para o entendimento dessas situações para contribuições perante a sociedade com base na responsabilidade.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BAUMANN. Gilberto. Implicações ético-legais no exercício da enfermagem. Folha Carioca Editora.
BRASIL, Ana Lia dos Santos. A Enfermagem nos Países do Mercosul. Folha Carioca Editora LTDA.
BIOÉTICA. Revista publicada pelo Conselho Federal de Medicina.
CAMPOS, Juarez de Queiroz, Administração da Saúde - Como evitar problemas ético-legais. Ed. Jotacê, São Paulo.
COFEN. Documentos Básicos.
DIMENSTEIN. Gilberto. O cidadão de papel. Ed. Ática.

ELLIS, Janice Rider; HARTLEY, Célia Love. Enfermagem Contemporânea: Desafios, Questões e Tendências. Ed. ARTMED.
GELAIN. Ivo. Deontologia e Enfermagem – 3 edição. Revisada e atualizada – EPU. São Paulo.
FONTINEELI. Klinger Júnior. Ética e Bioética em Enfermagem. – AB Editora. Goiânia. 2000.
FORTES, Paulo; ZOBOLI, Elma. Bioética e Saúde Pública. Ed. Loyola. São Paulo. 2003.
HARADA et al. O erro humano e a segurança do paciente. Ed. Atheneu. São Paulo. 2006.
LACERDA. Gabriel. Eu Tenho Direito. Editora SENAC Nacional.
MAGNO. Arthur; GUERRA. Silva et al. Biodireito e Bioétic, uma introdução crítica. E. América Jurídica. Rio de Janeiro. 2005.
NALINI. José renato. Ética Geral e Profissional. 4 ed. Ed. Revista dos Tribunais. São Paulo 2004.
OGUISSO, Taka; ZOBOLI, Elma. Ética e bioética: desafios para a enfermagem e a saúde. Ed. Manole. 2006.
OLIVEIRA. Fátima. Bioética, uma face da cidadania. 2 edição. Ed. Moderna. São Paulo. 2004.
ORLANDO. Ida Jean. *O* Relacionamento dinâmico Enfermeiro/Paciente – Ed. EPU.
URBAN. Cícero de Andrade. Bioética Clínica. Editora REVINTER. Rio de Janeiro. 2003.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

DINIZ, Debora; GUILHEM, Dirce. O que é bioética. Brasiliense, 2005. São Paulo (coleção primeiros passos).
GERMANO, Raimunda Medeiros. A ética e o ensino de ética na enfermagem do Brasil. 1993. São Paulo. Cortez.
HUF, Dulce Diclair. A face oculta do cuidar. Rio de Janeiro. Mondrian, 2002.
RAMOS, Dalton Luiz de Paula, *et al* . Um dialogo Latino-americano: Bioética & documento de Aparecida. São Caetano do Sul, SP: Difusão editora São Paulo: PUC –SP. Núcleo fé e cultura, 2009.
REGO, Sergio; PALACIOS, Marisa; BATISTA, Rodrigo Siqueira. Bioética para profissionais de saúde. , 2009. Rio de Janeiro. Fiocruz.
VALLS, Alvaro L. M. O que é ética. Brasiliense, 2008. São Paulo (coleção primeiros passos).

- **EPIDEMIOLOGIA E BIOESTATÍSTICA:** Conhecer os fatos vitais, estabelecendo sua importância na análise e interpretação dos dados e compreender a importância das técnicas de estatística na tomada de decisões relativo aos conhecimentos de trabalhos da área de saúde.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

LAURENTI, R. et al. Estatísticas de Saúde. São Paulo: EPU, 1987.
PEREIRA, M. G. Epidemiologia: teoria e prática. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1995.
ROUQUAYROL, M.Z. et al. Epidemiologia e saúde. 6 ed. Rio de Janeiro: MEDSI, 2003. 708 p.
SOUNIS, E. Bioestatística: princípios fundamentais, metodologia estatística, aplicação às ciências biológicas. 3 ed. Rio de Janeiro: ATHENEU, 1985.
VERMELHO, L. L. ; COSTA,A J. L. ; KALE, P. L. Indicadores de saúde. In: MEDRONHO, R. A et al. Epidemiologia. São Paulo: ATHENEU, 2002. p. 33 –55.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

JEKEL, James F. Epidemiologia, bioestatística e medicina preventiva. JEKEL, J.F; ELMORE, J.G.; KATZ, D.L. (trad.) Porto Alegre: Artmed, 1999.
SOUNIS, E. Bioestatística: princípios fundamentais, metodologia estatística, aplicação às ciências biológicas. 3 ed. Rio de Janeiro: ATHENEU, 1985.

- **ENFERMAGEM GINECOLÓGICA, OBSTÉTRICA E NEONATAL:** Proporcionar ao educando através de instrumentos teórico-práticos, partindo do pensamento critico/reflexivo, para desenvolver a arte do cuidar à mulher, a adolescente e ao recém-nato, levando em conta os princípios do SUS, as especificidade cultural, fortalecendo uma assistência integral e humanizada. Possibilitar ao discente a capacidade de uma assistência sistematizada voltadas aos aspectos anátomo-fisiológico e psicossocial da parturiente, puérpera, recém-nascido e família, bem como as principais complicações mais comuns que os atingem.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA
ALCÂNTARA, P. &, MARCONDES, E. Pediatria Básica. 3 ed, Savier, São Paulo,1975;
BEREK, J. S. & NOVAK. Tratado de ginecologia. 14. ed .Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.
CARVALHO, G. M. Enfermagem em Obstetrícia. E.P.U, São Paulo, 1990.
CRANLEY, M. S.; ZIEGEL, E. E. – Enfermagem Obstétrica – 2. Ed. Rio de Janeiro,Interamericana , 1985.
MONTENEGRO, C. A. B.; REZENDE FILHO, J. Obstetrícia Fundamental. 11. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.
WHALEY, L. F.; WONG, D. L. Enfermagem Pediátrica. 5 ed. Rio de Janeiro. Guanabara Koogan. 1999.
RICCI, S.S. Enfermagem materno-Infantil e Saúde da Mulher. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.
AVERY,G.B. Neonatologia, Fisiologia e Cuidados com Recém-Nascido. Artes Médicas, São Paulo, 1995.
PRITCHARD, J. A.; MACDONALD, P. C. Obstetrícia. 16. Ed. Rio de Janeiro, Guanabara 1995.
RESENDE, J. Obstetrícia Fundamental. 10 Edição, Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 2005.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR
BRUNNER, S. Moderna Prática de Enfermagem. Editora Interamericana, 1999.
CABBE, S. G; NIEBYL, J. R; SIMPSON, J. L. Gestações Normais e Patológicas. 3Edição, Guanabara Koogan, 1999.
CLOHERTY, J. P. STARK, A. R. Manual de Neonatologia.4 Ed. Medsi.B.H. 2000.
LEONE, C. R. & TRONCHIN, D. M. R. Assistência Integrada ao recém-nascido. São Paulo, Atheneu, 1996.
MONTEIRO, D.L.M; TRAJANO,A.J.B; BASTOS,A.C. Gravidez e Adolescência, Ed Revinter, Rio de Janeiro, 2009.
FREITAS, F. Rotinas em obstetrícia. 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

- **MÉTODOLOGIA DA PESQUISA EM ENFERMAGEM:** Iniciar o aluno no processo de Investigação Científica, instrumentando-o para a realização de pesquisas e trabalhos acadêmicos. Introduzir as etapas referentes à construção de um projeto de Pesquisa. Introduzir os diversos tipos de métodos e técnicas de pesquisa necessária à coleta de dados. Dar subsídios a construção de artigos científicos.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ANDRADE, Maria Margarida de. Introdução do trabalho cientifico: elaboração de trabalhos na graduação, 7 ed.São Paulo: Atlas, 2006.

CARVALHO, M.C.e(org). Construindo o saber: Metodologia Cientifica, fundamentos e Técnicas. 3 . ed. Campinas, SP:Papirus,1991.

CERVO, Armando Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. Metodologia Cíenifica: para uso dos estudantes universitários. 5 ed.São Paulo:Pearson Prentice Hall,2005.

CHIZZOTTI, Antonio. Pesquisa em ciências Humanas e Sociais .5.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

GIL, Antonio Carlos, Métodos e Técnicas de Pesquisa social .5ed.São Paulo:Atlas, 2006.

GOLDEMBERG, Miriam. A arte da pesquisa: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. 6 ed. Rio de Janeiro. Record, 2002.

HAGUETTE, Tereza Maria. Metodologia Qualitativa da Sociologia. 7.ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, M.A. Metodologia do trabalho Cientifico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projetos e relatórios, publicação e trabalho cientifico. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1992.

LEOPARDI, Mria Tereza e (org), Metodologia da pesquisa em saúde. Santa Maria: Pallito, 2001.

MARCONI, Marina de A. & LAKATOS, Eva Maria. Técnica de Pesquisa: Planejamento e elaboração, análise e interpretação de dados. 2 ed.São Paulo: Atlas, 1990.

MAZZOTTI, A J e GEWANDSZNAAJDER, Fernando. O método nas Ciências Naturais e Sociais: pesquisa qualitativa e quantitativa. 2. ed. São Paulo. Pioneira. Thomson Leardrninh, 2001.

MEDEIROS, João Bosco. Redação Cientifica: a prática de fichamento, Resumos, Resenhas. 8 ed, São Paulo: Atlas, 2006.

MINAIYO,Maria Cicelim de Souza (Organizadora). Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade. 24.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MINAYO, M. C de Souza. O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 2.ed.São Paulo.Hucitec abrasco, 1993.

OLIVEIRA, Maria Marly, Como Fazer: Projetos, Relatórios, Monografia, Dissertações e Teses. 3 ed. Rio de Janeiro,Elsevier, 2005.

POLIT, Denise F. E (colaboradores), Fundamentos de Pesquisa em Enfermagem: Métodos, Avaliação e utilização. 5ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

RICHARDSON, R. J. e (colaboradores). Pesquisa Social: Métodos e Técnicas. 3 ed.São Paulo. Atlas S. A 1999.

RUDIO,V.F. Introdução ao projeto de pesquisa Cientifica.30 Ed. Petrópolis. Vozes, 2002.

RUIZ, João Álvaro. Metodologia do trabalho Cientifico: guia para eficácia nos estudos. 3. ed. São Paulo. Cortez, 1993.

SANTO, Ezequias estervam dos. Manual de Métodos e técnicas de Pesquisa Cientifica, 5 ed.Niterói ,RJ:Impetus, 2005.

SEVERINO, Antonio Joaquim. Metodologia do Trabalho Cientifico. 19. ED. São Paulo. Cortez, 2000.

SECAF, Vitória. Artigo Cientifico: do desafio a conquista. 2 ed. São Paulo. Reis editorial, 2000.

TEXEIRA, Elizabeth: As três Metodologias: acadêmicas da ciência e da pesquisa. 5. ed. Belém: Unama,2005.

TAFNER, M. Anderson et al. Metodologia do trabalho Acadêmico. 1 ed. Curitiba: Juruá, 1999.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

MAZZOTTI, A J ; GEWANDSZNAAJDER, Fernando. O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa qualitativa e quantitativa. 2. ed. São Paulo. Pioneira. Thomson Leardrninh, 2001.

MINAYO, M. C de Souza. O Desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 2.ed.São

Paulo.Hucitec abrasco, 1993.
RICHARDSON, R. J. e (colaboradores). Pesquisa social: métodos e técnicas. 3. ed.São Paulo. Atlas S. A 1999.
RUDIO,V.F. Introdução ao projeto de pesquisa Cientifica.30. ed. Petrópolis. Vozes, 2002.
RUIZ, João Álvaro. Metodologia do trabalho cientifico: guia para eficácia nos estudos. 3. ed. São Paulo. Cortez, 1993.
SEVERINO, Antonio Joaquim. Metodologia do trabalho cientifico. 19. ed. São Paulo. Cortez, 2000.
SECAF, Vitória. Artigo Cientifico: do desafio a conquista. 2. ed. São Paulo. Reis editorial, 2000.
TAFNER, M. Anderson e et al. Metodologia do trabalho Acadêmico. Curitiba: Juruá, 1999.

- **ENFERMAGEM CLÍNICA E CIRÚRGICA:** A disciplina tem por finalidade proporcionar ao acadêmico, a aquisição de conhecimentos sobre intervenção de Enfermagem frente aos padrões de respostas humanas aos processos vitais, aos problemas de saúde atuais ou de riscos potenciais nas situações de clínica médica e cirúrgica, nas diversas fases da vida, oportunizando o discente, vivenciar situações que exijam habilidades teóricas e práticas, embasados em fundamentações clínicas direcionadas a assistência sistematizada de enfermagem, no ambiente hospitalar dentro dos princípios técnico – cientifico, frente à realidade presenciada.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CINTRA, E. A; NISHIDE, V. M.; NUNES, W. A. Assistência de Enfermagem ao Paciente Gravemente Enfermo. São Paulo: Atheneu, 2008.
MANTOVANI, M. Suporte Básico e Avançado de Vida no Trauma. São Paulo: Editora Atheneu, 2005.
NETINA, S. M. Prática de Enfermagem. 9 ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 2003.
PORTH, C. M. Fisiopatologia. 8 ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 2011.
SMELTEZER, S.C et al. Tratado de Enfermagem Médico-Cirúrgica. 11 Ed. Rio de Janeiro: Interamericana. 2008.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BRASIL, Secretaria de Estado de Saúde do Distrito Federal. Protocolos de Urgência e Emergência da SES/DF. 1 Ed. Revisada e ampliada – Brasília: Secretaria de Estado de Saúde do Distrito Federal, 2006. 285 p.: il. Disponível em < www.saude.df.gov.br>.
CAMBIER, J. et al. Manual de Neurologia. São Paulo: Ateneu. 1998.
CARPENITO, L. J. Diagnósticos de Enfermagem: Aplicação a Prática Clínica. 11 ed. Porto Alegre: Artes Médicas. 2002.
DRUMOND, J. P; SILVA, E. Choque. Porto Alegre. R.S: Artes Médicas. 1996.
ERAZO, G. A.C; PIRES, M. T. B. Manual de Urgência em Pronto Socorro. R.J: Medsi Ltda.1990.
FILHO, I. J; ANDRADE, J. I. de JÚNIOR, A. Z. Cirurgia Geral: Pré e Pós-Operatório. São Paulo: Atheneu. 1995.
GEORGE, J. B. Teorias de Enfermagem: os fundamentos à prática profissional. Porto Alegre: ARTMED, 2000.
GUELER, R. F. Grande Tratado de Enfermagem. 7 ed. São Paulo: Santos – Maltese. 1991.
HORTA, W. A. Processo de Enfermagem. São Paulo: EPU, 1979.
IRION, G. Feridas: novas abordagens, manejo clínico e atlas em cores. Rio de Janeiro: Guanabara, 2005.

JORGE, S. A; DANTAS, S.R.P.E. Abordagem multiprofissional do tratamento de feridas. São Paulo: Atheneu, 2005.
LUCKMAM, G. S. Enfermagem Médica Cirúrgica: uma abordagem psicofisiológica. 4. ed. Rio de Janeiro. Guanabara. Koogan. 1996.
MOORHOUSE, M. F; DOENGES, M. E. Manual de Enfermagem Clínica: diagnósticos e planos de cuidada documentação. Rio de Janeiro: Revinter Ltda. 1994.
NANDA. Diagnóstico de Enfermagem: Definição e Classificação–2009/2011. Porto Alegre: Artes Medicas Sul. 2010. Trad: Jeanne Liliane Marlene Michel.
SILVA, A. G. I. da. Ensinando e Cuidando: com o processo diagnóstico em enfermagem. Belém-PA: Smith Produção Gráficas. 2001.
TIAGO, F. Feridas – Etiologia e Tratamento. 2. ed. São Paulo: PARMA, 1995.

- **ENFERMAGEM EM SAÚDE MENTAL:** Norteada a motivar a participação do acadêmico em atividades de promoção, prevenção e reabilitação em saúde mental do ser humano na comunidade, de acordo com sua realidade e com abordagem biopsicosocioespiritual, considerando a dinâmica do desenvolvimento da personalidade, no contexto pessoal, familiar e ambiental, utilizando instrumentos que proporcionem relação de ajuda. Assim, conhecendo fatores sociais, econômicos e culturais que influenciam a saúde mental, além de trabalhar mecanismos de defesa e enfrentamento às situações que vivenciam no cotidiano.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BARROS, Sonia et all. Ações de saúde mental do enfermeiro em unidade básica de saúde. 1985.
BLEULER, E. Psiquiatria. 13 ed., Rio de Janeiro: Guanabara. 1983.
BOTECA, N. J. Saúde mental no hospital geral. São Paulo: Hucitec, 1992.
FUREGATO, A. R. F. Relação interpessoais terapêuticas na enfermagem. São Paulo:1999.
BRASIL, Ministério da saúde. *Legislação em saúde mental 1990-2002*. 3 ed revista e atualizada. Brasília, 2002.
_____. Relatório Final da III Conferência nacional de saúde mental: *cuidar sim excluir não*, Brasília, 2002.
ISAACS, A. Saúde Mental e Enfermagem Psiquiátrica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998.
KAPLAN,, H. I. Compêndio de psiquiatria: *ciências comportamentais e psiquiatria clínica*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1993.
JORGE, M. S.; SILVA, V.V.; OLIVEIRA, F. B. Saúde mental: *de a prática psiquiátrica asilar ao terceiro milênio*. São Paulo: Lemos Editorial, 2000.
LISBOA, M.T.L. *Enfermagem* Psiquiátrica: *série incrivelmente fácil*. Rio de Janeiro: 2006.
MELLO, M.F. Epidemiologia da Saúde Mental no Brasil. Porto Alegre: Artmed, 2007.
NUNES, F.; PORTELLA, E. Psiquiatria e saúde mental. São Paulo: Hucitec, 1996.
OPAS, Relatório sobre a saúde no mundo: saúde mental, nova concepção, nova esperança, 2001.
ROUQUARIOL, M.Z. Epidemiologia e saúde. Rio de Janeiro: Medsi, 1987.
TAYLOR, C.M. Fundamentos de enfermagem psiquiátrica. Porto Alegre: Artes Médica, 1992.
TEIXEIRA, M. B. et all. Manual de enfermagem psiquiátrica. São Paulo: Atheneu, 1997.
STUART, G.W.; LARATA, M.T. Enfermagem psiquiátrica. 4 ed, Rio de janeiro: Reichmam e Afonso, 2002.
TUNDIS, S.A . Cidadania e loucura*: políticas de saúde mental no Brasil*. 5 ed., Rio de Janeiro1997 (Coleção saúde e realidade brasileira).

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR
MELLO, I. M. Enfermagem Psiquiátrica e de Saúde Mental na prática. Atheneu, São Paulo, 2008. NETO, M. R. L. ELKIS, H. Psiquiatria Básica. Artmed, Porto Alegre, 2007. OLIVEIRA, I. R. Manual de Psicofarmacologia Clínica. Guanabara Koogan, 2 ed. Rio de Janeiro, 2006. SADOCK, B. J. SADOCK, V. A. Manual Conciso de Psiquiatria da Infância e Adolescência. ArtSTEFANELLmed, Porto Alegre, 2011. I, M. C. FUKUDA, I. M. K. Enfermagem Psiquiátrica em suas Dimensões Assistenciais. Manolle, São Paulo, 2008.

- **DIDÁTICA GERAL:** Compreensão da função da Didática como elemento organizador de fatores que influem no processo de ensino e aprendizagem e na elaboração do planejamento de ensino. Visão crítica do papel do planejamento na dinâmica da construção do conhecimento pelo educando.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA
CANDAU, V. M. A didática em questão. Petrópolis: Vozes, 1989. FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia- saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro:Paz e Terra,1996. LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo, Cortez, 1992. LUCKESI, C.C. Avaliação da Aprendizagem Escolar. São Paulo: Cortez ,2000. PADILHA, Paulo Roberto. Planejamento dialógico: como construir o projeto pedagógico da escola. São Paulo:Cortez; Instituto Paulo Freire, 2001. PURA, Lúcia Martins. Didática Teórica Didática Prática. S. Paulo, Loyola, 2000. TURRA, Clódia Maria Godoy et al. Planejamento de ensino e avaliação. Porto alegre:Sagra Luzzatto, 1998. VEIGA, Ilma Passos A. Repensando a Didática . 3 ed., Campinas, Papirus, 2000.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR
CANDAU, V. M. Rumo a uma nova didática. Rio de Janeiro: Vozes, 1995. _____ et al. Repensando a Didática. São Paulo: Papirus, 1991. _____. A prática pedagógica do professor de didática. São Paulo: Papirus, 1994. BRANDÃO, C. R. O que é Educação.São Paulo: Brasiliense,2000. CASTRO, A. D.; CARVALHO, M. P. de C. (orgs.). Ensinar a ensinar. São Paulo: Pioneira, 2001. FELTRAN, A . et al. Técnicas de ensino: Por que não? São Paulo: Papirus, 1991. GHIRALDELLI, P. O que é Pedagogia. São Paulo:.Brasiliense, 1996. PIMENTA, Selma Garrido (org.). Didática e formação de professores: percursos e perspectivas no Brasil e em Portugal. São Paulo: Cortez, 1997. SAVIANI, D. Escola e democracia. São Paulo: Autores Associados, 1993. SILVA, A . M. M. (org.). Didática, currículo e saberes escolares. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. TOSI, M . R. Didática Geral: um olhar para o futuro. 2. ed. Ref. e atual. Campinas, SP: ed. Alínea,2001. VEIGA, I. P. A . et al. Didática: O ensino e suas relações. São Paulo: Papirus, 2000. WENZEL, R. L. Professor: Agente da educação. São Paulo: Papirus, 1994.

- **ENFERMAGEM PEDIÁTRICA:** Proporcionar ao educando fundamentos teórico/ práticos para prestar assistência de enfermagem de forma sistematizada e humanizada à criança, ao adolescente e a família nas unidades hospitalares frentes ao ciclo de doenças e agravos mais frequentes, levando em conta a especificidade cultural. Favorecer ao discente a oportunidade de atuar como membro transformador na comunidade, no trabalho, na equipe e no ambiente de forma ética e profissional, levando em conta os princípios do SUS.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA
ALCÂNTARA, P. ; MARCONDES, E. – Pediatria Básica 3 edição, São Paulo; Savier 7 vol. ALEXANDER, M. M., BROWN, M. S. - Diagnostico na Enfermagem Pediatrica,Organização Andrei Editora S.A. BERMAM,R.; KLIEGMAN,R. – Princípios de Pediatria- 3 ed, Guanabara.1999. GERALD B. M. ; DAVID, W. K. ; ADAM, R. – Manual de Pediatria , 17 ed. Prentice-Hall do Brasil, 1996. JOSEPH S. SANFILIPPO,M-D; LEE, M-D; MURAN, David, M-D;DEWHURT, John; - Ginecologia Pediátrica e da Adolescente , Guanabara –1996. MARCONDES, E. – Desidratação, São Paulo; Savier. WHALEY, L. F.; WONG, D. L. Enfermagem Pediátrica. 5 ed. Rio de Janeiro. Guanabara Koogan. 1999.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR
BRUNNER, Lillian S. e SUDARTH,Doris S. Nova Prática de Enfermagem , vol 04 e 05 , Interamericana. MONTEIRO, D. L. M; TRAJANO, A. J. B; BASTOS, A. C. Gravidez e Adolescência, Ed Revinter, Rio de Janeiro, 2009.

- **ENFERMAGEM EM AMBIENTES DE ALTA COMPLEXIDADE:** A disciplina fundamenta-se no assistir o indivíduo, família e comunidade como todo nas mais críticas situações do ciclo doença, em ambientes hospitalares de alta complexidade. Assistência essa pautada na competência técnica, visão humanística e respaldo ético. Abordando os instrumentos básicos para o cuidar na enfermagem nas diversas clínicas, que podem ser tratadas sob orientação do enfermeiro, como profissional contribuinte e integrante da equipe interdisciplinar, dando oportunidade ao discente de vivenciar a realidade do usuário, família, instituição e ações de futuros profissionais e realizar comparações entre teoria e prática, frente aos cuidados de enfermagem realizados pautados no diagnóstico de suas necessidades humanas básicas afetadas e no emprego de método científico.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA
BARRETO, S. S. M; VIEIRA, S. R. R; PINHEIRO, C. T. S. Rotinas em Terapia Intensiva. 3. ed. Porto Alegre: Artemed, 2003. DOUGLAS, C. R. et al. Patofisiologia de Sistemas Renal. São Paulo: Robe Editorial, 2001. SMELTEZER, S.C et al. Tratado de Enfermagem Médico-Cirúrgica. 11 Ed. Rio de Janeiro:

Interamericana. 2008.
GEORGE, J.B. Teorias de Enfermagem: os fundamentos prática profissional. Porto Alegre: Artmed, 2000.
HORTA, W de A. Processo de Enfermagem. São Paulo: EPU, 1979.
HUDAK, C.M. ; GALLO, B.M. Cuidados Intensivos de Enfermagem: uma abordagem holística. 6 ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 2004.
POSSARI, J.F. Centro de Material e Esterilização: planejamento e gestão. São Paulo: Iátria, 2003.
POSSARI, J.F. Centro Cirúrgico: planejamento, organização e gestão. São Paulo: Iátria, 2004.
POSSARI, J.F. Sala de Recuperação Pós Anestésica. São Paulo: Iátria, 2003.
PORTH, C.M. Fisiopatologia. 6 ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 2005.
RIELLA, M. C. Princípios de Nefrologia e Distúrbios Hidroeletrolíticos. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2010.
Sociedade Brasileira de Enfermeiros em Centro Cirúrgico, Centro de Material e Esterilização e Sala de Recuperação Pós Anestésica - SOBECC, 4ed. São Paulo: SOBECC, 2007.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ARAÚJO, C.C. et al. Enfermagem em Unidade de Transplante Renal. São Paulo: Sarvier, 1991.
BAJAY, H. M. *et al*. Assistência Ventilatória Mecânica. S.P: EPU.1991.
BARROS, A. L. B. L de. Cols. Anamnese e Exame Físico: Avaliação diagnóstica de Enfermagem no Adulto. Porto Alegre: Artemed, 2002.
BOLICK, D. et.al. Segurança e Controle de Infecção. Rio de Janeiro: Reichmann & Affonso Editores, 2000.
CAMBIER, J. *et al*. Manual de Neurologia. Trad: Maria Cristina Barbosa, Nelly Yvonne Berchtolde, Ruth Rissin, Josef Sílvia Levy. S. P: Ateneeu, 1998.
CARPENITO, L.J. Diagnósticos de Enfermagem: Aplicação a Prática Clínica. 6 ed. Porto Alegre: Artes Médicas.1997.
CARVALHO, E. B. de. Manual de Suporte Nutricional. R.J: Medsi Ltda.1992.
CASTRO, I. de S. Manual de Enfermagem em CTI. Rio de Janeiro: Cultura Médica. 1988.
CAZARIM, J.L.B et. al. Trauma: Pré-Hospitalar e Hospitalar Adulto e Criança. R.J: Medsi Ltda.1997.
CINTRA, E. de A. *et al.* Assistência de enfermagem ao Paciente Crítico. S.P: Ateneu. 2000.
COUTO, R. C. *et al*. Infecção Hospitalar: Epidemiologia e Controle. R.J: Medsi Ltda.1997.
CUNHA, A F da FONSECA, R.A. (Coords). Centro de material Esterilizado: rotinas Técnicas. Belo Horizonte: Health.1995.
DAUGIRDAS, J. T; ING, T. S. Manual de Diálise. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Medsi, 1996.
FERREIRA, L. M. B. & RIBEIRO, M. da C. M. Centro Cirúrgico: O espaço de se fazer enfermagem. R.J: Tavares & Tristão gráfica e editora de livros Ltda.2000.
FILHO, I. J. *et al.* Cirurgia Geral: Pré e Pós Operatório. S.P: Ateneu.1995.
GANZ, M. B; HRICIK, D. E; SEDOR, J. R. Segredos em Nefrologia. Porto Alegre: Artemed Editora, 2002.
GOMES, A. M. Enfermagem na Unidade de Terapia Intensiva. 2. ed. S. P: EPU.1988.
GRAZO, G. A . C. & PIRES , M. T. B. Manual de Urgência em Pronto Socorro. 3. ed. R. J: Santos – Medsi.1990.
GUELER, R. F. - Grande Tratado de Enfermagem. 7. ed. S.P: Santos – Maltese.1991.
HOWARD, J. & CASEWELL, M. Controle da Infecção Hospitalar: Normas e Procedimentos Práticos. S.P. .1996.
LUCKMANN & SORENSEN - Enfermagem Médico Cirúrgica: uma abordagem psicofisiológica. 4. ed. – RJ: Guanabara.1996.
MARQUES, M. S. & PEPE, C. M. S. Instrumentação Cirúrgica: teoria e prática. S.P: ROCA.2001.
MEZOMO, J.C. Qualidade Hospitalar: Reinventando a Administração do Hospital. S.P. CEDAS.

1992.
MINISTÉRIO DA SAÚDE. Manual Brasileiro de Acreditação Hospitalar. Brasília-DF.1999.
MOURA, M. L. P. de A. Enfermagem em Centro Cirúrgico e Recuperação Pós-Anestésica. S.P: Senac. 1994. Série Apontamentos.
_____. Enfermagem em Centro de Material e Esterilização. 2. ed. S.P: Senac. !996. Série Apontamento.
NANDA. Diagnóstico de Enfermagem: Definição e Classificação–2009/2011. Porto Alegre: Artes Medicas Sul. 2010. Trad: Jeanne Liliane Marlene Michel.
RIPPE, J. M. Manual de Tratamento Intensivo. 2. ed. – R. J: Medsi. 1990.
ROGANTE, M. M. & FURCOLIN, M.I.R.. Procedimento Especializado em Enfermagem. RJ :Atheneu .1994.
SANTOS, N. C. M. Enfermagem na Prevenção e Controle da Infecção Hospitalar. São Paulo: Iátria, 2003.
VENISHI, E. K. Enfermagem Médico Cirúrgica em Unidade de Terapia Intensiva. S.P: Senac.1994. Série Apontamentos.

- **ENFERMAGEM PSIQUIÁTRICA:** Direcionada ao conhecimento da sintomatologia dos transtornos mentais específicos, aplicação do Processo de Enfermagem de acordo com o portador e sintomas psicóticos e neuróticos evidenciados, oportunizando este primeiro contato e adquirindo habilidades no processo da práxis, sendo trabalhadas para facilitar a comunicação terapêutica entre cliente, instituições responsáveis pelo cuidar e família no contexto psiquiátrico. Com visão holística e de um cliente cidadão com direitos e deveres de acordo com sua condição mental, para um Enfermeiro com discernimento da valorização da saúde mental e prevenção contra o transtorno mental.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BARROS, Sonia et all. Ações de saúde mental do enfermeiro em unidade básica de saúde. 1985.
BEZERRA, Jr.B. et all- Cidadania e Loucura: Políticas de Saúde Mental no Brasil, Petrópolis,ed.Vozes,1997.
BOTECA, N. J. Saúde mental no hospital geral. São Paulo: Hucitec, 1992.
BLEULER, E. *Psiquiatria*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan 1995.
BRASIL, Ministério da saúde. Legislação em saúde mental 1990-2002. 3 ed revista e atualizada. Brasília, 2002.
_____. Relatório Final da III Conferência nacional de saúde mental: cuidar sim excluir não, Brasília, 2002.
KAPLAN,, H. I. Compêndio de psiquiatria: ciências comportamentais e psiquiatria clínica. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1993.
JIES, J. e HOFLING, Ck - Conceitos Básicos de Enfermagem Psiquiátrica, 4ed. Rio de Janeiro: Guanabara,1986.
JORGE, M. S.; SILVA, V.V.; OLIVEIRA, F. B. Saúde mental: da prática psiquiátrica asilar ao terceiro milênio.São Paulo: Lemos Editorial, 2000.
NUNES, F. E. P.- Psiquiatria e Saúde Mental:conceitos clínicos e terapêuticos fundamentais, São Paulo: Atheneu, 1996 .
OLIVEIRA, I.R. Manual de Psicofarmacologia Clínica. Rio de Janeiro: Médica e Científica 1994 .
OPAS, Relatório sobre a saúde no mundo: saúde mental, nova concepção, nova esperança, 2001.
OVLES, I. *Neurologia e Psiquiatria para Enfermeiros*. São Paulo: Andrei, 1985.
PEREIRA, Osvaldo. Manual de Psiquiatria, Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1996.

STUART, G.W.; LARATA, M.T. Enfermagem psiquiátrica. 4 ed, Rio de janeiro: Reichmam e Afonso, 2002.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

TAYLOR, C.M. Fundamentos de Enfermagem Psiquiátrica, 13ed., Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
TEIXEIRA, M. B. et all. Manual de enfermagem psiquiátrica. São Paulo: Atheneu, 1997.
TOWSEND. Enfermagem Psiquiátrica: Conceito de Cuidados. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.
TUNDIS, S.A. Cidadania e loucura: políticas de saúde mental no Brasil. 5 ed., Rio de Janeiro: Coleção saúde e realidade brasileira. 1997.

- **ENFERMAGEM EM URGÊNCIA E EMERGÊNCIA:** Considerando o perfil epidemiológico dos grandes centros urbanos e as demandas e necessidades prevalentes de sua população, a disciplina Enfermagem em Urgência e Emergência pretende abordar a assistência de enfermagem a pacientes apresentando agravos à saúde, caracterizados por risco de vida iminente ou relativo nas situações de urgência/emergência, as quais exigem do profissional enfermeiro a tomada de decisão para a determinação das prioridades de cuidados.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

AMERICA HEARTH ASSOCIATION. SBV *Para Profissionais de Saúde*. American heart Association, 2006.
BEATRIZ FERREIRA MONTEIRO OLIVEIRA, PAROLIN, MONICA KONCKE FIUZA, TEIXEIRA JUNIOR, EDISON VALE, Trauma: *Atendimento Pré-hospitalar*. São Paulo, Atheneu, 616.0252 Ol4t, 2001.
BRENT Q. HAFEN, KARREN, KEITH J; FRANDSEN, KATHRYN J., Guia de Primeiros Socorros para Estudantes. 7 ed. São Paulo, Manole, 616.025 H119g 7.ed., 2002.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

JOHN COOK LANE, TULIO DE SILAS. Primeiros Socorros: *Um Manual Prático*. Rio de Janeiro, Moderna, 616.025 L242p, 2002.
MARC SAFRAN, MCKEAG, DB, VAN CAMP, STEVEN. Manual de Medicina Esportiva. Barueri, SP, Manole, 617.1027 M319, 2002.
PHTLS: Atendimento Pré-Hospitalar ao Traumatizado / NAEMT (National Association of Emergency Medical Technicians). 6 ed. [Tradução de Diego Alfaro e Hermínio de Mattos Filho]. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007. Título original: PHTLS: Prehospital Trauma Life Support, 6th, ISBN 978-85-352-2145-9.

- **ESTÁGIO SUPERVISIONADO I:** Considerando o contexto político, social e filosófico de saúde direcionado a saúde pública, meio ambiente e trabalho, os conteúdos programáticos emergem a partir do contexto coletivo, com uma abordagem crítica, enfatizando os conhecimentos fundamentais sobre saúde pública, políticas públicas de saúde e modelos assistenciais adotados no país como SUS (Sistema Único de Saúde), indicadores de saúde e programas de saúde direcionados a criança, mulher, adulto,

trabalhador e idoso, com a finalidade de despertar e incorporar no acadêmico a ciência do cuidar e identificar o papel do enfermeiro como agente de intervenção nas condições de saúde do indivíduo, família e comunidade.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA
BRASIL. Ministério da Saúde. Parto, Aborto e Puerpério: assistência humanizada à mulher. Secretaria de Políticas de Saúde, Área Técnica de Saúde da Mulher. Brasília: Ministério da Saúde, 2001. _____. Ministério da Saúde. Assistência Pré- Natal: manual técnico. Secretaria de Políticas de Saúde, Área Técnica de Saúde da Mulher. Brasília: Ministério da Saúde, 2000. _____. Ministério da Saúde. Gestação de Alto Risco. Secretaria de Políticas de Saúde, Área Técnica de Saúde da Mulher. Brasília: Ministério da Saúde, 2000. _____. Ministério da Saúde. Como Ajudar as Mães a Amamentar. Tradução de Zuleica Thomson e Orides Navarro Gordan. Secretaria de Políticas de Saúde, Área Técnica de Saúde da Criança. Brasília: Ministério da Saúde, 1998. _____. Ministério da Saúde. Amamentação e o Uso de Drogas. Secretaria de Políticas de Saúde, Área Técnica de Saúde da Mulher. Brasília: Ministério da Saúde, 2000. _____. Ministério da Saúde. Manual de Controle das Doenças Sexualmente Transmissíveis. Secretaria de Projetos Especiais de Saúde. Coordenação de Doenças Sexualmente transmissíveis e Aids. Brasília: Ministério da Saúde, 1997. _____. Ministério da Saúde. Cadernos Juventude, Saúde e Desenvolvimento, volume I. Secretaria de Políticas de Saúde, Área Técnica de Saúde do Adolescente. Brasília: Ministério da Saúde, 1999. _____. Ministério da Saúde. Instituto Nacional de Câncer. Falando sobre câncer de colo de útero. Rio de Janeiro: MS/INCA, 2000. REZENDE, Jorge de. Obstetrícia. 4 edição. Rio de janeiro: Ed. Guanabara Koogan, 1982. VIEIRA, Elisabeth Meloni. ET AL (org). Seminário Gravidez na Adolescência. São Paulo: Associação Saúde da Família, 1998. ZIEGEL, Erna e CRANLEY, Mecca. Enfermagem Obstétrica. Rio de janeiro: Ed. Interamerica:. 1980.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR
AMATO,V,N, BALDY,J,L.S.; SILVA,L.J. Imunizações.São Paulo: Sarvier LIDA, I. Ergonomia projeto e produção. 4.Ed São Paulo.Edgard Blucher Ltda,1990. STELLMAN,J.M. Trabalho e saúde na indústria: riscos físicos, químicos e prevenção de acidentes. São Paulo: EPU/USP, 1975, 3 vols. TARRIDE, Mario Ivan. Saúde pública: uma complexidade anunciada. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2002. FINKELMAN, Jacobo. Caminhos da Saúde Pública no Brasil. Ed. Fiocruz, Co-edição com a Organização Pan-Americana da Saúde/ Organização Mundial de Saúde (OPAS/ OMS), 2002, 328p. Il.

- **ADMINISTRAÇÃO EM ENFERMAGEM:** Trata da estrutura e organização dos Serviços de Enfermagem, priorizando a Administração da Assistência aos usuários nos Níveis de Baixa, Media e Alta Complexidade. Práticas Gerenciais, Modelo de Gestão e serviços de apoio. Gestão de Pessoal.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA
BRAGA, D. G. Conflitos, Eficiência e Democracia na Gestão Pública. Ed. FIOCRUZ. Rio de

Janeiro. 1998.
BRASIL, Lei orgânica de saúde: nº. 8080/90 e 8142/90. Brasília (DF): Ministério da Saúde. 1990.
BRASIL, Governo do Distrito Federal, Secretaria de Estado de Saúde. Diretoria de Saúde do Trabalhador – DISAT. Gerenciamento de Resíduos de Serviços de Saúde. Manual de Gestão de Resíduos de Saúde. Governo do Distrito Federal. 2003.
BRASIL, Governo do Estado de São Paulo. Vigilância Sanitária de São Paulo, Uma Trajetória no SUS. Governo do Estado de São Paulo. 2002.
CHIAMNATO, Idalberto. Introdução a Teoria Geral da Administração. São Paulo: MC Graw Hill do Brasil.
CIANCIAULLO, Tamara Iwanow, C&Q: Teoria e Prática em Auditoria de Cuidados. São Paulo: Ícone, 1997.
DANEIL, Liliana Felcher. A Enfermagem Planejada. São Paulo: EPV.
DANEIL, Liliana Felcher. Enfermagem: Modelos e Processos de Trabalho. São Paulo: EPV.
KURCGANT, Paulina. Administração em Enfermagem. São Paulo: EPV.
MAUDOMET, Renato Bento. Administração Hospitalar. Cultura médica.
REVISTA, Hospital Administração e Saúde – Centro São Camilo de Desenvolvimento em Administração em Saúde.
SANTOS, Iraci. Supervisão em Enfermagem. São Paulo: Cultura Médica,
SILVA, Maria Julia Paes da. Comunicação tem Remédio?. Ed. Gente, 1996.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

COHN, Amélia. Saúde no Brasil: Políticas e Organização de Serviços. Ed. CORTEZ. 2 Edição. 1998.
FARIA, J. C. Administração. Teorias & Aplicações. Ed. Pioneira Thomson. São Paulo. 2002.
NETO, V. G. Administração. Textos de Apoio. Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio. Ed. FIOCRUZ. Rio de Janeiro. 2001.
SISSINO, C. L. S. Resíduos Sólidos, Ambiente e Saúde. Uma visão multidisciplinar. Ed. FIOCRUZ. Rio de Janeiro. 2000.

- **ESTÁGIO SUPERVISIONADO II:** Associando conhecimento teórico-prático como instrumento de interpretação e intervenção profissional, proporcionar ao acadêmico de enfermagem desenvolver as ações no contexto de média e alta complexidade, sobre a identificação de emergências clínicas e o atendimento imediato às mesmas até o encaminhamento profissional ou local habilitado. Assistência ao paciente hospitalizado e crítico, rotinas de cuidados de enfermagem e sua importância na organização do atendimento de enfermagem. Conhecimentos gerais sobre técnicas de enfermagem: curativos, sinais vitais. Cuidados com pacientes hospitalizados, reconhecimento de materiais, médicos hospitalares, bandagens, restrição no leito escaras de decúbitos, mudanças de decúbito, posição no leito, privacidade do paciente, transporte de pacientes (da cama para maca e da maca para cama), aspiração de secreções, cuidados e higiene corporal. Prontuário do paciente. Conhecimentos gerais sobre a esterilização (métodos físicos e químicos). Infecção hospitalar. Prevenção de acidentes no ambiente hospitalar.

Tipos de isolamentos. Vias de administração de medicamentos. Primeiros socorros; socorros de urgência e suporte básico de vida.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BERRY, EC e KOHN, M.L. A Técnica na Sala de Operações. Rio de Janeiro: Ed. Interamericana, 1977.

BRUNER, 6.5 e SUDDARTH D.S. Tratado de Enfermagem Médico-cirúrgica: Rio de Janeiro: Ed. Interamericana, 1982.

CASTRO, Jone de Souza. Manual de Enfermagem em CTI. 1 edição. Rio de Janeiro: Ed. Cultura Médica. 1988.

GUYTON, A. C. Anatomia e Fisiologia do Sistema Nervoso. 2 edição. Rio de Janeiro: Ed. Interamericana, 1976.

KAWAMOTO, Emilia Emi; FORTES, J.I. Fundamento de Enfermagem. São Paulo: Ed. Pedagógica e Universitária, 1986.

NAACOG - The Organization for Obstetrici Gynecologia ond Neonatal Nurses. Normas e Rotinas para Enfermagem Obstétrica e Neonatal. São Paulo: Ed. Manole. 1989.

RIZOSTIMO, M.M E ALVES, L. Manifestações Clinicas e Assistência de Enfermagem. 1 edição. Rio de Janeiro : Ed. Cultural Médica, 1988.

REZENDE, Jorge de. Obstetrícia. 4 edição. Ed. Guanabara Koogan: Rio de janeiro. 1982.

SCHMITZ, Edilza Maria. A Enfermagem em Pediatria e Puericultura. 1 edição. Rio de Janeiro: Ed. Atheneu. 1989.

VERONES, Ricardo. Doenças Infecciosas e Parasitárias. 6 edição. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara Koogan. 1978.

WARNER, C.G. Enfermagem em Emergências. 2 edição. Rio de Janeiro: Ed. Interamericana. 1980.

ZIEGEL, Erna e CRANLEY, Mecca. Enfermagem Obstétrica. 7 edição. Rio de Janeiro: Ed. Interamerica. 1980.

_____. Controle de Infecções no Hospital. Sociedade Beneficente São Camilo. São Paulo : CEDAS. 1985.

NANDA, North American Nursing Diagnosis Association. Diagnóstico de enfermagem: definições e classificação 1999-2000. Porto Alegre: ed. ARTMED, 2000.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BRASIL. Legislação federal. Lei Orgânica de Saúde n.º 8080, 19 de setembro de 1990. Dispõe sobre as condições para a formação, proteção e recuperação da saúde, da organização e funcionamento dos serviços correspondentes e de outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 20 de setembro , 1990ª p. 8055-9. (07 ex.)

_____. Ministério da Saúde. Norma Operacional básica do Sistema Único de Saúde (NOB 01/93 e NOB 01/96) Brasília, 1996.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Assistência à Saúde. Coordenação de Saúde da Comunidade. Programa Saúde da Família. Brasília, 1997.p.30 (Mimeografado)

_____. Ministério da Saúde. Manual para a Organização da Atenção Básica. Brasília, nov. 1998b. p.39

_____. Ministério da Saúde .Secretaria de Políticas de Saúde, departamento de Atenção Básica. COSTA NETO, M.M.C. (ORG). A implantação da Unidade de Saúde da Família. 2000 a.44p.

_____. Ministério da Saúde .Secretaria de Políticas de Saúde, programa de Saúde da Família. Informes Técnicos Institucionais. Revista Saúde Pública, São Paulo, v.43,n.3,p.316-319, 2000b.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Assistência à Saúde. Avaliação da implantação e funcionamento do Programa de Saúde da Família. Brasília, Ministério da Saúde, 2000,65 p.

_____. Ministério da Saúde. Departamento de Atenção Básica. Guia prático do Programa de Saúde da Família. Brasília, Ministério da Saúde, 2001c.p.128.

BUB, L.J.R. (Coord.) Marcos para a prática de enfermagem com famílias. Florianópolis: UFSC,

1994.
CECÍLIO, L.C.º Modelos técnico-assistenciais em saúde: da pirâmide ao círculo, uma possibilidade a ser explorada. Cadernos de Saúde Pública. Rio de Janeiro. V.13,n.3, jul,1997.
CIANCIARULLO, T. I. et al. Saúde na Família e na comunidade. São Paulo: Robe editorial. 2002.p.18-88. (07ex.)
COSTA, Z.S. et al. A participação do enfermeiro de saúde pública na saúde familiar. Revista brasileira de Enfermagem. Brasília, v.39,n.2/3.,p.97-118, abr/set.1986.

- **INFORMÁTICA APLICADA A SAÚDE :** Hardware, Sistemas Operacionais, Editores de Textos, Editores de Planilhas Eletrônicas, Editores de Slides, Internet e Ferramentas Utilizadas na área de Enfermagem.

VII – BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BRAGA, W. Informática Elementar Word 2007, Ed ALTA BOOKS-, 2007.
BRAGA, W. Informática Elementar EXCEL 2007, Ed ALTA BOOKS-, 2007.
BRAGA, W. Informática Elementar POWERPOINT 2007, Ed ALTA BOOKS-, 2007.
BRAGA, W. Informática Elementar, Ed ALTA BOOKS-, 2003.
MARÇULA, M., BENINI, F., PIO, A. Informatica – Conceitos e Aplicações. Ed ERICA, 2005.

VI.I – BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ESPINOSA, I. C. DE O. C., BARBIERI F. P., Fundamentos De Informática, Ed LTC, 2007.
DOLABELA, F. O Segredo de Luisa, Ed. de Cultura, 2006.

- **DISCIPLINAS OPTATIVAS**

- **INGLÊS INSTRUMENTAL:** Desenvolvimento da habilidade de compreensão escrita através da interpretação de textos acadêmicos e técnicos, a partir do conhecimento prévio do aluno em língua inglesa, com a utilização do suporte da língua portuguesa.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

AMOS, Eduardo; PRESCHER, Elizabeth & PASQUALIN, Ernesto. Challenge. São Paulo: Moderna, 2005.
JACOBS, Michael A. Como não aprender Inglês: erros comuns e soluções práticas. Editora Campos: 2002.
LONGMAN DICTIONARY OF COMTEMPORARY ENGLISH. 5 ED. S.l. Longman do Brasil, 2009
MURPHY, Raymond. English Grammar in Use. Cambridge, 2004.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

KERNERMAN, Lionel. Password English dictionary for speaker of portuguese.10 ed. são paulo: Martins Fontes, 2000.
LIBERATO, Antônio Wilson. Compact English Book. São Paulo: FTD, 1998.
MARQUES, Amadeu. Password – *Special Edition*. São Paulo: Editora Ática, 1999.
RICHARDS, Jack C. Interchange 2. Cambridge University Press, 2005.
SHAPIRO, Normam. Oxford Picture Dictionary English/Brazilian Portuguese. Oxford do Brasil, 2006
Sites de pesquisa e estudo: www.englishonline.com.br; www.englishcouncil.org.br

- **EDUCAÇÃO PERMANENTE EM SAÚDE:** Propõe subsidio para o planejamento da educação permanente em saúde. Aperfeiçoamento profissional a partir das necessidades locais. Desenvolvimento pedagógico para a elaboração de projetos de ensino em saúde. Vivencia pratica do trabalho em saúde reconhecendo e identificando o aperfeiçoamento da equipe de saúde.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA
BRASIL, Política Nacional de Educação Permanente em Saúde. 2009. MENEGOLLA, M.; SANTANNA, I.M. Por que planejar? Como planelar? Curriculo – Area – Aula. 16 ed.. Petropolis – RJ: VOZES. 2008. SARRETA, F. O., Educação permanente em saúde para os trabalhadores do SUS. 2009. PINHEIRO, R.;CECCIN,R.B.; MATTOS, R.A.. Ensinar Saúde:a integralidade e o SUS nos cursos de graduação na área da saúde. Rio de Janeiro: IMS/UERJ: CEPESQ: ABRASCO, 2005. PEIXOTO, A.G., Educação e trabalho: costuras, tecidos e bordados de uma docência desterritorizada que procura a saúde. Caxias do Sul, RS: Educs, 2007. VEIGA, I.P.A. Técnicas de Ensino: por quê não? Campinas – SP: Papirus, 2011.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR
PINHEIRO, R.; MATTOS, R. A. (Orgs.) Os sentidos da integralidade na atenção e no cuidado à saúde. Rio de Janeiro: Uerj/Abrasco, 2001. PINHEIRO, R.; MATTOS, R. A. (Orgs.) Construção da integralidade: cotidiano, saberes e práticas em saúde. Rio de Janeiro: UERJ/Abrasco, 2003. PINHEIRO, R.; MATTOS, R. A. (Orgs.) Cuidado: as fronteiras da integralidade. São Paulo: Hucitec; 2004. ROSCHKE, M. A.; DAVINI, M. C.; HADDAD, J. (Eds.) Educación permanente de personal de salud. Washington: OPS, 1994. (Série Desarollo de Recursos Humanos, 100). ROSCHKE, M. A.; BRITO, P. Gestión de proyectos de educación permanente en los servicios de salud: manual del educador. Washington: OPS, 2002. VALLA, V.; STOTZ, E. Participação popular, educação e saúde: teoria e prática. 2.ed. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993. VALLA, V.; STOTZ, E. Educação, saúde e cidadania. Petrópolis: Vozes, 1994. VASCONCELLOS, E. M. (Org.) A saúde nas palavras e nos gestos: reflexões da rede de educação popular e saúde. São Paulo: Hucitec, 2001.

- **LIBRAS:** Fundamentos da Educação de surdos; Pressupostos teórico-históricos, filosóficos, sociológicos, pedagógicos e técnicos da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS; História da Língua de sinais Brasileira; Aspectos metodológicos acerca da educação de surdos; Estrutura Gramatical; Parâmetros da LIBRAS; Sinais básicos;

BIBLIOGRAFIA BÁSICA
FERNANDEZ, Eulália (org). Surdez e Bilingüismo. São Paulo/SP: Editora Cortez, 2003. GESSER, Audrei. Libras? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo/SP: Parábola, 2009. QUADROS, Ronice Muller de; KARNOPP, Lodenir Becker. Língua de Sinais Brasileira: estudos lingüísticos. Porto Alegre/RS: Artmed, 2004. SANTANA, Ana Paula. Surdez e Linguagem: aspectos e implicações neurolinguisticas - São

Paulo, Plexus, 2007. VELOSO, Eden; MAIA,Valdeci; Aprenda Libras com eficiência e rapidez. Curitiba/PR: Máos Sinaisa, 2009.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR
ALMEIDA, E.C.; DUARTE, P.M. *Atividades ilustradas em sinais de libras*. 1 Edição. Rio de Janeiro: Revinter, 2004. BOTELHO, Paula. Linguagem e Letramento na Educação de Surdos. São Paulo/SP: Editora Autêntica, 2002. BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Decreto 5626/2005. CARVALHO, Rosita Édler. Removendo barreiras para a aprendizagem. 2ed. Porto Alegre/RS: Mediação, 2002. QUADROS, Ronice Muller de. Educação de Surdos: a aquisição da linguagem. Porto Alegre/RS: Artmed, 2004. PEREIRA, Rachel de Carvalho. Surdez: aquisição da linguagem e inclusão social. Rio de Janeiro. Revinter, 2008

- **ATIVIDADES COMPLEMENTARES:** Participação em eventos científicos e artístico-culturais, projetos de pesquisa e extensão, monitoria. Realização de estudos independentes e ações de caráter social, voltados para a atualização, revitalização e compartilhamento do saber científico-profissional (re) estruturado durante o percurso acadêmico.

4.7 METODOLOGIA DE ENSINO

O Curso visa garantir a qualidade do processo educativo e o aperfeiçoamento da prática curricular através da aplicação de métodos e técnicas diferenciadas que intervirão nos conhecimentos e experiências durante a formação discente, uma vez que contribuirão ao alcance dos objetivos da disciplina, célula básica do trabalho pedagógico na formação acadêmica e profissional.

Esta proposta é o desenho de um currículo flexível que delineia o papel do profissional que se quer formar estando intrínsecas as peculiaridades regionais e locais. O processo de ensino e aprendizagem será norteado pelos princípios teóricos metodológicos da problematização enquanto alternativa técnico-pedagógica à sistematização dos conhecimentos em diferentes momentos: na sala de aula, na extensão, na pesquisa, nas práticas de ensino e no estágio supervisionado nos Serviços de Saúde e Educação.

A integralização de conteúdos se fará com abordagens crítico-reflexivas à compreensão dos aspectos técnico-científicos, políticos, pedagógicos e éticos envolvidos na formação profissional por meio de técnicas como: seminários, palestras, mesas redondas, roda de conversas, painéis simples e integrados além de outros organizados a partir do grau de conhecimento e do período letivo do acadêmico.

As experiências vivenciadas pelos discentes sob orientação do docente e do Enfermeiro assistente serão discutidas e avaliadas no processo, viabilizando a construção de conhecimentos elaborados coletivamente. O material didático científico deverá potencializar tal construção a este, objetivando na prática a integralização curricular.

A disponibilização de literatura básica atualizada, e de periódicos em bibliotecas especializadas na área de enfermagem bem como os recursos tecnológicos diferenciados será utilizada à melhoria da qualidade de ensino e consequente melhora no atendimento dos serviços de saúde.

A estrutura dinâmica desta proposta permitirá a adoção de técnicas inovadoras e facilitadoras ao desenvolvimento sócio, político, cultural e científico no processo de ensino e aprendizagem. O desenvolvimento e operacionalização deste currículo, como instrumento às descobertas e implementação de técnicas e ações que servirão de sustento para sua efetivação, acontecerá a partir das vivências cotidianas entre os atores envolvidos neste processo, subsidiado nos referenciais teóricos utilizados em cada disciplina que o compõe.

Para ser atendida esta proposta de adequação das exigências curriculares, apresentou-se ao Colegiado do Curso o novo currículo para discussão e análise do mesmo. Dessa maneira realizaram-se: encontros, reuniões, oficinas de trabalho, dentre outros. O trabalho metodológico visou á qualidade do processo docente-educativo e o aperfeiçoamento da prática curricular, como um dos fatores aglutinadores além dos conhecimentos e experiências que influenciarão a formação do acadêmico e contribuição para o alcance dos objetivos no desenvolvimento da disciplina. Desse modo, se fará essencial o profissional participar do processo docente-educativo organizado em diferentes níveis de gestão curricular.

O preparo do professor deve estar sustentado por uma base técnica, teórica e metodológica, a partir dela se efetivará o modelo profissional com o qual trabalha o plano de estudo e os programas adotados. A cooperação e o intercâmbio são indispensáveis, pois ações isoladas não garantem um resultado esperado, requerendo que estes se planejem estrategicamente e de forma interdisciplinar.

A proposta curricular traça plano de ação para contribuir ao desenvolvimento de um trabalho focando as necessidades da categoria de Enfermagem, acompanhando assim as direções que propõem os documentos jurídicos que norteiam o ensino superior:

Vertical: respondendo ao sistema de atividades que assegurou o trânsito ascendente do acadêmico por diversas etapas. Neste sentido prima à lógica do conteúdo, para o qual o perfil do egresso deverá ser trabalhado;

Horizontal: trata de estratégias interdisciplinares para alcançar ações simultâneas harmônicas, coordenadas e complementares em função dos objetivos, permitindo pouco a pouco a implementação das competências e habilidades do egresso, integrando as potencialidades das áreas que atuam ao mesmo tempo;

Transversal: corresponde às ações vinculadas à formação como concepção do mundo, capacidades indutoras e executoras, interesses profissionais e qualidade humana. Esta direcionalidade permeia a profissão em cada uma das outras direções refletindo o entrelaçamento laboratorial e acadêmico na prática pedagógica cotidiana.

O trabalho metodológico requer estratégias dos níveis organizativos superiores com necessidades imediatas em que a prática curricular e o diagnóstico da realidade revelem a preparação científico-pedagógica dos professores e os avanços da ciência as demandas sociais além da participação dos acadêmicos nas experiências institucionais, informacionais e do desenvolvimento de competências. Para tanto, é necessário o uso de metodologias que possibilitem à formação de um profissional crítico e ético, capaz de identificar as determinantes sociais mais amplas que condicionam sua prática e, condições materiais de intervenção na realidade. Este repensar reforça a alternativa metodológica que parte da problematização da realidade com a finalidade de compreendê-la; de construir o conhecimento capaz de transformá-la; acentuar a descoberta; a participação em grupo, à autonomia e a iniciativa.

O objetivo desta proposta é provocar e criar condições para o desenvolvimento de uma atitude crítica e comprometida com a ação. A escolha do método de ensino deve coincidir com a visão de educação e talvez não seja tão importante quanto o comprometimento dos atores do processo ensino e aprendizagem com um tipo de educação que colabore com a emancipação do homem, através de sua conscientização para a construção de uma sociedade mais digna e justa.

Compreendendo assim, a prática pedagógica, não consiste apenas na sala de aula e nem está restrita às atividades de trabalho pedagógico isolado, mas se expande para o trabalho junto à comunidade. Outro aspecto, diz respeito à substituição da quantidade de conteúdos trabalhados que deve ceder lugar à qualidade das aprendizagens desenvolvidas, já que serão baseadas em significados profundos das relações entre teoria e prática partindo do concreto vivido e não do abstrato longínquo. Outro suporte desta proposta metodológica é a interdisciplinaridade como perspectiva superadora do conhecimento estanque e fragmentado, identificando com os temas geradores que cuja discussão interliga os diversos saberes dentro do processo ensino e aprendizagem. A interdisciplinaridade é contemplada através da metodologia proposta em sala de aula; das atividades de extensão e projetos de pesquisa.

4.8 APOIO PEDAGÓGICO AO DISCENTE

Para efetivar uma proposta de apoio pedagógico aos acadêmicos, desatrelada de paternalismo, é importante que essas ações estejam intimamente ligadas às atividades curriculares. Esse apoio acontece para os acadêmicos de Enfermagem através da atuação dos professores na condução das aulas teóricas e práticas, oficinas, seminários e nas orientações do Trabalho de Conclusão de Curso e Estágio Supervisionado. Os alunos exercem atividades de iniciação em pesquisa, o que facilita o desenvolvimento de diversas capacidades, dentre elas, a autonomia para aprender.

Essas ações dos professores do colegiado de Enfermagem têm foco na pedagogia histórico-social que direciona encaminhamentos didáticos nas próprias ações curriculares, tornando a aprendizagem mais significativa e as relações entre acadêmicos e docente, mais dialógica. Isso tem como consequência, a melhoria da autoestima dos alunos, pois ficam satisfeitos com sua conduta de estar agindo de acordo com os valores ligados à dedicação, empenho, persistência, colaboração, entre outros. Sabe-se que a autoestima tem uma relação direta com a participação das pessoas envolvidas, o que eleva a importância da execução de atividades pelos acadêmicos.

Os professores podem participar ativamente dessa melhoria tornando o processo de ensinar mais significativo para os acadêmicos, mobilizando-os para a aprendizagem. Para isso, é importante que se comunique com clareza os objetivos das atividades propostas e que haja coerência entre o que se coloca como princípios das relações humanas e o que se vive no ambiente escolar.

O conjunto de ações desenvolvidas pelo curso de Enfermagem, visando o apoio pedagógico aos acadêmicos, parte do pressuposto que é na estrutura curricular cotidiana que se vivenciam as atitudes, a mediação entre professores e acadêmicos, entre acadêmicos e acadêmicos, entre acadêmicos e comunidade.

4.9 ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO

Existe na UNIFAP a Divisão de Estágio cujo objetivo é atender aos discentes de todos os cursos e semestres da Instituição oferecendo informações sobre oportunidades de estágios curriculares obrigatórios e não obrigatórios (estes últimos não são considerados como horas para estágio supervisionado – necessário à conclusão do curso), orientações profissionais,

assinaturas de contratos de estágio, termos aditivos e termos de parceria com empresas de diversos portes e segmentos, bem como com empresas de integração.

O estágio curricular é atividade obrigatória que integra o currículo pleno dos cursos de graduação da UNIFAP. No curso de Enfermagem sua funcionabilidade diferencia-se dos demais por possuir particularidades as quais exigem organização e desenvolvimento no campo prático específico, estando ligada a coordenação do curso.

Atendendo a Resolução n° 03 de 07 de novembro de 2001, o estágio supervisionado I e II será ofertado nos dois últimos semestres do curso, totalizando 20% (vinte por cento) da carga horária total do curso de Graduação em Enfermagem.

A carga horária será trabalhada conforme as áreas que compõem o curso, nesta perspectiva o desenvolvimento destas acontecerá em Hospitais Gerais e Especializados, públicos e ou privados, em Unidades Básicas de Saúde e na Comunidade, os quais estarão conveniados com a UNIFAP, por meio de instrumentos legais que estabelecem as parcerias e responsabilidades pelo ensino e aprendizagem dos acadêmicos.

Nesta proposta de currículo busca-se a integração com os enfermeiros assistentes dos locais em que serão realizados os estágios. Para efetivação desta proposta, os acadêmicos serão divididos em subgrupos atendendo as Resoluções COFEN, COREN-AP e Regimentos Institucionais locais.

Os estágios curriculares em saúde coletiva poderão ser desenvolvidos nos Municípios do Interior do Estado em parcerias com as Secretarias de Saúde Estadual e Municipal, integrando-se as equipes do Programa de Saúde da Família (PSF) e Programas de Agentes Comunitários de Saúde (PACS), Assistência Integrada as Doenças Prevalentes na Infância (AIDPI) e outros. O estágio na área hospitalar acompanhará a mesma lógica do estágio da saúde coletiva, desde que atendam as condições mínimas necessárias.

O período mínimo será de (90) noventa dias, em três meses, e o máximo de (150) cento e cinquenta dias, em seis meses ou 180 dias. A sistemática da operacionalização do referido estágio se efetivará através de rodízio dos grupos. Durante esse tempo de permanência os discentes terão a orientação, acompanhamento, supervisão e avaliação que poderá ser feita pelo Assistente do local ou docente do curso que se deslocará periodicamente em caso de estágio rural destinado a esse fim.

No que se refere às aulas práticas, as mesmas serão desenvolvidas em laboratórios ou instituições de Saúde, onde as turmas deverão ser divididas em subgrupos de acordo com a Resolução do COFEN N. 371/210:

Art. 2º – No planejamento e execução do estágio, além da relação entre o número de estagiários e o quadro de pessoal da instituição concedente, prevista no Art. 17 da Lei nº

11.788/2008, deve-se considerar a proporcionalidade do número de estagiários por nível de complexidade da assistência de Enfermagem, na forma a seguir:

I - assistência mínima ou autocuidado – pacientes estáveis sob o ponto de vista clínico e de Enfermagem e fisicamente autossuficientes quanto ao atendimento das necessidades humanas básicas – até 10 (dez) alunos por supervisor;

II - assistência intermediária – pacientes estáveis sob o ponto de vista clínico e de Enfermagem, com parcial dependência das ações de Enfermagem para o atendimento das necessidades humanas básicas – até 8 (oito) alunos por supervisor;

III - assistência semi-intensiva – cuidados a pacientes crônicos, estáveis sob o ponto de vista clínico e de Enfermagem, porém com total dependência das ações de Enfermagem quanto ao atendimento das necessidades humanas básicas – até 6 (seis) alunos por supervisor;

IV - assistência intensiva – cuidados a pacientes graves, com risco iminente de vida, sujeitos à instabilidade de sinais vitais, que requeiram assistência de Enfermagem e médica permanente e especializada – até 5 (cinco) alunos por supervisor.

Cabe destacar que no estado do Amapá as vagas disponibilizadas para estágio curricular (Estágio Supervisionado e Práticas das disciplinas) aos acadêmicos são definidas pelas Secretarias Estadual e Municipal de Saúde. Dessa maneira são emitidas normatizações pautadas no Regimento Interno de cada Instituição onde é estabelecido um cronograma de distribuição de vagas para a Universidade, Faculdades e Escolas Técnicas. Essa distribuição ocorre de acordo com a planta física, número de leitos e capacidade de ocupação desses ambientes.

Para a execução das aulas práticas das disciplinas específicas será estabelecido um convenio entre universidade, Estado, Município, Hospital Escola São Camilo e São Luis e rede privada se necessário. Buscar-se-á a integração dos enfermeiros assistentes das diferentes unidades de saúde.

No que se refere à organização do currículo o mesmo foi estruturado em quatro anos com 08 semestres onde cada um congrega um elenco de disciplinas. Para que o aluno integralize o curso o mesmo terá que cursar quatro anos ou oito semestres letivos com uma carga horária de 4.380 horas/aula (Resolução CNE/CES nº 04 de 06 de abril de 2009). A duração do ano letivo corresponderá a duzentos (200) dias letivos. As atividades semanais serão desenvolvidas durante seis (06) dias (segunda a sábado).

Os Estágios Supervisionados terão carga horária geral de 810 horas e a carga horária semanal será em média de 36 horas.

Objetivo Geral:

- Fortalecer o intercâmbio entre a Universidade Federal do Amapá e as Instituições da rede de saúde do Estado, no processo de ensino aprendizagem da disciplina estágio supervisionado do curso de Enfermagem.

Objetivos Específicos:

- Aplicar as técnicas de enfermagem e ações administrativas em instituições de nível estadual ou municipal com acompanhamento e supervisão do profissional da rede.
- Assistir ao indivíduo, família, comunidade e grupos sociais fundamentando o discente para atuar como membro ativo e efetivo da equipe.
- Desenvolver pesquisas buscando construir o saber da profissão de Enfermagem.
- Amenizar o impacto da passagem da vida estudantil para o mundo do trabalho, proporcionando contato com o futuro meio profissional;
- Adquirir uma atitude de trabalho sistematizado, desenvolvendo a consciência da produtividade, a observação e comunicação concisa de idéias e experiências adquiridas e, incentivando e estimulando o senso crítico e a criatividade;
- Definir-se em face de sua futura profissão, perceber eventuais deficiências e buscar seu aprimoramento.

Organização do Estágio Supervisionado

- **1ª Fase: Estágio Supervisionado I**

O Estágio Supervisionado I é desenvolvido nas Unidades Básicas de Saúde de segunda a sexta-feira no horário de 07:00 às 12:00 horas, computando uma carga horária de 30 horas semanais para atender a carga da disciplina. As atividades de prática são extensivas para a comunidade e escolas da área de abrangência, oferecendo condições aos acadêmicos de desenvolverem as atividades programadas, tais como: palestras educativas, visitas domiciliares, consultas de enfermagem, imunização dentre outras. No decorrer do estágio a avaliação será formal em todo o processo de ensino e aprendizagem, voltados para os objetivos do estágio, envolvendo conhecimentos, habilidades e atividades dos acadêmicos, bem como conteúdo das tarefas, desempenho das atividades práticas, entrevistas, auto-avaliação.

- **2ª Fase: Estágio Supervisionado II**

O Estágio Supervisionado II é desenvolvido nas unidades hospitalares, a saber: Hospital de Especialidades Dr. Alberto Lima, Hospital da Mulher Mãe Luzia, Hospital da Criança e do Adolescente e Hospital de Emergência de segunda a sábado no horário de 07:00 às 13:00 horas, computando uma carga horária de 36 horas semanais para atender a carga da disciplina. As atividades a serem desenvolvidas no ambiente hospitalar visam capacitar o acadêmico de enfermagem para assistir o paciente nas suas necessidades biopsiquicosociais, nas diversas clínicas: médica, cirúrgica, nefrologia, obstetrícia, e urgência e emergência; além de promover a formação acadêmica voltada para pesquisa e implementação da sistematização do processo de enfermagem.

A avaliação será de forma participativa entre os grupos através da apresentação de diversos trabalhos teórico-práticos que incluem seminários, estudo de caso, sistematização da assistência de enfermagem e diagnóstico de enfermagem. Para aprovação, será exigida frequência mínima de 75% (setenta e cinco por cento), ao final de cada etapa e atividade vencida ocorrerá uma avaliação geral de todos os trabalhos. Será aprovado, o aluno que, tendo a frequência mínima exigida (75%), obtiver um conceito final igual ou maior que 5,0 (cinco) na somatória dos trabalhos e atividades práticas desenvolvidas em campo.

Relação Aluno/Professor na Orientação de Estágio Supervisionado

O Número de professores será elencado de acordo com o número de acadêmicos matriculados na disciplina.

O Número de discentes em fase de estágio é de 3 a 6 alunos por grupo de acordo com a Unidade de Estágio.

4.10 ATIVIDADES COMPLEMENTARES

Para integralizar o processo formativo o presente Projeto Pedagógico incorpora em sua estrutura curricular as Atividades Complementares (AC), conforme orienta o Parecer CP/CNE N. 9, de 08 de maio de 2001, e estipulam as Resoluções CNE/CP N. 1, de 15 de maio de 2006 e 024/2008 – CONSU/UNIFAP, de 22 de outubro de 2008.

Nesse sentido, as AC ensejam o princípio da flexibilização curricular à medida que estimulam a participação do acadêmico em diferentes atividades, tais como: eventos científicos, artísticos e culturais; ações de caráter técnico e comunitário; envolvimento em projetos de extensão e de pesquisa; monitoria; prática de estudos independentes, transversais e interdisciplinares, de permanente e contextualizada atualização profissional, sobretudo, nas

relações com o mundo do trabalho, oferecidos, inclusive, por outras IES em áreas afins ao campo da formação do enfermeiro.

O curso ofertará práticas dentro das áreas de enfermagem, que será validada como conhecimentos adquiridos pelos estudantes, sendo presenciais ou à distância, desde que atendam o prazo mínimo estabelecido pelo estatuto da instituição para a conclusão do curso. Consideram-se como Atividades Complementares as seguintes modalidades:

1. **Atividades de ensino -** estão representadas na frequência, com aproveitamento, às aulas de disciplinas afins ao curso de origem do acadêmico, ofertadas por instituições públicas ou isoladas de ensino superior, bem como no efetivo exercício de monitoria, e ainda na realização de estágio extracurricular como complementação da formação acadêmico-profissional;

2. Atividades de pesquisa - conjunto de atividades desenvolvidas em uma das linhas de pesquisa existentes nos cursos de graduação e/ou pós-graduação da UNIFAP;

3. **Atividades de extensão -** conjunto de atividades, eventuais ou permanentes, executadas de acordo com uma das linhas de ação do Departamento de Extensão da UNIFAP e contempladas no Plano Nacional de Extensão;

4. Participação em eventos de natureza artística, científica ou cultural – está representada pela presença do aluno em congressos, semanas acadêmicas, seminários, feiras, fóruns, oficinas, intercâmbio cultural, teleconferências, salão de artes, dentre outros;

5. **Produções diversas -** neste grupo deve-se contemplar o potencial criador do aluno, materializado através de *portfolio*, projeto e/ou plano técnico, criação e/ou exposição de arte, vídeo, filme, protótipo, material educativo, científico e cultural, sítios na *internet*, invento e similares;

6. Ações comunitárias - traduzem-se pela efetiva participação do aluno em atividades de alcance social;

7. Representação estudantil - reporta-se ao exercício de cargo de representação estudantil em órgãos colegiados.

Parágrafo único: para efetivar a integralização das Atividades Complementares, o aluno deverá comprovar participação/produção em pelo menos **2** (dois) dos 7 (sete) grupos acima categorizados, além do cumprimento da carga horária mínima prevista para o componente curricular dentro da matriz do Curso.

A inserção de atividades curriculares complementares relevantes no processo de formação profissional deverá ser registrada no histórico escolar do aluno, desde que sejam respeitadas as exigências do curso.

4.11 TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Consideramos os Trabalhos de Conclusão de Curso - TCC de extrema importância na vida acadêmica, por meio dele o aluno demonstra estar apto a realizar uma pesquisa com temática contemplada nas linhas de pesquisas institucionais, demonstrando possuir habilidade para pesquisa, para análise e crítica através da apresentação de um projeto de pesquisa e posteriormente uma monografia relatando seus resultados nesta pesquisa. Todas as atividades desenvolvidas constituem seu TCC.

É a oportunidade de o discente aprofundar-se em dado assunto de seu interesse, com auxilio e orientação de professores do curso, que serão posteriormente compartilhadas com a comunidade, uma vez que a apresentação dos projetos para a banca examinadora é aberta para o público e a monografia é incorporada ao acervo da biblioteca, mediante autorização do aluno e do orientador da mesma.

O TCC é importante para o cumprimento dos objetivos do curso, uma vez que permite ao corpo discente praticar o aprendido nas diversas disciplinas, materializar sua pesquisa, analisar e concluir um trabalho acadêmico.

4.11.1 Conceito

O TCC é um trabalho científico de natureza teórico-prática e, como tal, deve possuir todos os requisitos determinados por normas utilizadas em Universidades, sendo uma das exigências para a obtenção do título de bacharel na sua respectiva área.

Nesse caso o TCC do Curso de Enfermagem é regido por uma Resolução onde cada projeto pode ter inserido até 03 (três) acadêmicos. Através dele o aluno demonstrará a sua competência para desenvolver pesquisa, aplicar metodologia apropriada, identificar variáveis e correlacioná-las e, no final de um período de dois semestres, elaborarem o texto de conclusão da pesquisa (TCC II).

4.11.2 Objetivos

A realização do TCC procura consolidar o conhecimento e a competência do Acadêmico em sistematizar a pesquisa (na área de atuação) acumulada durante o curso. Sua apresentação será segundo as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). Mediante esta disciplina procura-se alcançar os objetivos propostos no Projeto Pedagógico do Curso:

1. Propiciar aos Acadêmicos condições de refletir criticamente sobre os conteúdos teóricos do curso, analisando a relação causa-efeito das variáveis envolvidas na pesquisa.

2. Identificar um problema, que orientará a pesquisa, propondo a sua sistematização por meio da metodologia adequada.
3. Realizar, mediante análises proporcionadas pelas atividades do TCC, revisão das disciplinas e artigos científicos necessários para o desenvolvimento do trabalho.
4. Transformar as atividades de TCC em oportunidades para estabelecer contatos e intercâmbios com diferentes segmentos da sociedade, durante o processo de pesquisa.
5. Proporcionar ao aluno a possibilidade de colocar em evidência os conhecimentos construídos durante o tempo de permanência na universidade.

4.11.3 Estrutura de Acompanhamento do TCC

Os trabalhos desenvolvidos na disciplina obedecerão à seguinte estrutura:

- Colegiado de Curso.
- Coordenador de Curso.
- Professor Orientador.
- Banca examinadora composta de 03 professores, incluindo o Professor Orientador **(porém este sem direito a nota).**
- Aluno regularmente matriculado no curso.

4.11.4 Mecanismos de Acompanhamentos e Cumprimento do Trabalho de Graduação

O TCC realizar-se-á sob a orientação geral dos docentes responsáveis pela disciplina, que deverão orientar os Professores Orientadores que por sua vez devem orientar os alunos matriculados na disciplina.

O aluno será responsável pelas seguintes atividades:

1. Opção por um campo de conhecimento e levantamento de seu referencial teórico.
2. Elaboração de um projeto a ser desenvolvido neste campo de conhecimento.
3. Elaboração de trabalhos parciais na disciplina, constituindo revisão bibliográfica.
4. Qualificação do Projeto e envio ao Comitê de Ética se necessário.
5. Execução do projeto.
6. Elaboração final do TCC.
7. Apresentação perante uma Banca Examinadora.

4.11.5 Atribuições

- **Ao Colegiado de Curso compete:**

1. Administrar a política de TCC, cumprindo o previsto na legislação.
2. Publicar uma relação dos Professores Orientadores com seus respectivos orientandos e número de vagas se houver, no prazo de uma semana antes do período de inscrições.
3. Organizar, juntamente com o Professor Orientador, as bancas examinadoras.
4. Organizar as apresentações providenciando local e equipamentos necessários segundo a disponibilidade.
5. Sugerir Professores Orientadores nas ocasiões em que o estudante enfrentar dificuldades de encontrar orientador.
6. Atualizar e estabelecer a metodologia, regras e formatos dos Trabalhos de Conclusão de Curso inclusive para as apresentações.
7. Trabalhar pela divulgação e reconhecimento do valor dos trabalhos pela comunidade.

- **Ao Coordenador de Curso compete:**

1. Encaminhar aos acadêmicos os formulários de acompanhamento de TCC.
2. Receber três cópias do TCC, já avaliado pelo Professor Orientador da Disciplina e pelo Professor Orientador e encaminhá-las aos membros das bancas.
3. Encaminhar o resultado das avaliações finais ao DERCA.

4-Encaminhar TCC à Biblioteca após autorização do aluno e do Professor Orientador.

- **Ao Professor Orientador:**

1. Apresentar ao Acadêmico a sistemática do TCC.
2. Responsabilizar-se pelo planejamento do TCC, ou seja, elaboração dos procedimentos (as etapas) necessários para a realização da pesquisa.
3. Atender os Acadêmicos nas diversas etapas do TCC.
4. Participar das reuniões para as quais for convocado e cumprir as decisões tomadas.
5. Recusar orientação para aqueles trabalhos cujo conteúdo não apresente a mínima relação com sua formação, linha de estudos/pesquisa ou interesse intelectual.
6. Determinar o horário de atendimento a seus orientandos. Este horário, sempre que possível, deverá ser de conveniência do professor e do aluno.
7. Avaliar o TCC para apresentação em Banca Examinadora.

8. Observar as normas que orientam os Trabalhos de Graduação presentes no manual da Universidade.
9. Orientar os discentes quanto à escolha do tema de pesquisa, levantamento e leitura do material bibliográfico, metodologia, etapas, conteúdo e formatação dos trabalhos.
10. Manter registros com informações dos trabalhos sob sua orientação conforme modelo fornecido.
11. Cumprir prazos de correção e devolução do material aos estudantes.
12. Zelar pela manutenção da ordem e uso correto do material e equipamento da Instituição empregado para os Trabalhos de Conclusão de Curso.
13. Presidir os trabalhos da Banca de Avaliação Final.
14. Autorizar encaminhamento do TCC à Biblioteca após avaliação final.

- **Ao Acadêmico, compete:**

1. Frequentar as aulas, reuniões, seminários, encontros e cumprir o cronograma de orientação do TCC.
2. Tomar conhecimento da política do TCC e sua sistemática, por meio da Coordenação de Curso e pelo Professor Orientador.
3. Elaborar o projeto de TCC e encaminhá-lo ao Professor Orientador.
4. Realizar a atividade de TCC conforme o previsto no Projeto, e dentro do cronograma.
5. O Acadêmico deverá consultar previamente o Professor Orientador sobre sua possibilidade de aceitar a orientação, preenchendo o Termo de Aceite de Trabalho de Conclusão de Curso, que deverá ser encaminhado pelo aluno à Coordenação do curso.
6. Apresentar três cópias (encadernação em espiral) do Projeto do TCC aprovado pelo Professor Orientador à Coordenação de Curso;
7. Comparecer para qualificação e defesa do TCC perante a Banca Examinadora, em data estipulada.
8. Reformular o TCC de acordo com as indicações da Banca Examinadora, quando for o caso.
9. Apresentar três cópias da versão aprovada pela Banca Examinadora (com capa dura, na cor verde), sendo que uma cópia é para arquivamento na biblioteca, outra para a coordenação para uso dos orientadores e outra com o professor orientador. (O envio das notas ao DERCA fica condicionado a entrega das 03 cópias do Trabalho com suas devidas correções).
10. Adotar em todas as situações postura ética, responsável e profissional.

11. Se o trabalho for em grupo e o mesmo venha a ser desfeito mesmo após a qualificação do projeto, os direitos autorais do projeto pertencem aos 02(dois) participantes, e caso um não ceda os direitos autorais ao outro, ambos devem fazer um novo projeto individual ou com ou outro aluno e passar por uma nova qualificação, necessitando obter uma nova nota.

- **A Banca compete:**

1. Avaliar o trabalho de graduação de acordo com os itens constantes do manual.
2. Recomendar correções ao trabalho e realização de nova apresentação.
3. Aprovar ou reprovar o aluno.

4.11.6 Procedimentos para o Trabalho de Graduação. O TCC está dividido em dois semestres, denominado TCC I e II.

TCC I - Concentra-se na elaboração e execução do projeto de pesquisa. O projeto será de responsabilidade do aluno, com o acompanhamento do Professor Orientador, o qual só poderá orientar no máximo três projetos. Nesta etapa, o professor orienta os alunos quanto à escolha do tema, levantamento e leitura do material bibliográfico, metodologia, etapas, conteúdo, cronograma, formatação e execução do projeto de pesquisa, o final desta fase coincide com a qualificação do projeto. O aluno ou grupo de alunos terão no TCC I, 30 (trinta) minutos para apresentação do projeto, e a banca avaliadora tem 20 (minutos para as considerações)

TCC II - A segunda fase é a realização da pesquisa e a confecção da monografia sob orientação do Professor Orientador. Nesta fase cada Orientador será responsável pelo acompanhamento de **até 03 (três) monografias** de conclusão de curso. No TCC II, os alunos terão 45 (quarenta e cinco) minutos para apresentação, e a banca terá 20 (vinte) minutos para arguições.

Obs: Em um mesmo semestre, o professor orientador poderá acompanhar até 06 (seis) trabalhos de TCCs, sendo 03 (três) no TCC I e 03(três) no TCC II.

4.12 PROCEDIMENTOS DE AVALIAÇÃO DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM

4.12.1 Avaliação da aprendizagem dos estudantes

A avaliação do desempenho escolar é feita por disciplina, incidindo sobre a frequência e o aproveitamento. A aprovação do aluno em uma determinada Disciplina deverá ocorrer seguindo-se os critérios que levam em conta uma frequência mínima e seu aproveitamento acadêmico, por meio de uma Média final. A frequência será contabilizada em relação ao total do número de horas da Disciplina em questão.

- A avaliação do aproveitamento acadêmico dar-se-á por meio de notas atribuídas de zero (0,0) a dez (10,0) computados até a primeira casa decimal.
- As formas de verificação da aprendizagem (provas, exercícios, relatórios, projetos ou outros) são estabelecidas pelo Docente responsável pela disciplina, com aprovação da Coordenação de Curso, devendo ser divulgadas, no início de cada período letivo, juntamente com o programa e o calendário da disciplina.
- Para aprovação, será exigida frequência mínima de 75% (setenta e cinco por cento).
- Será considerado não aprovado o acadêmico que não obtiver a frequência mínima exigida (75%) e não alcançar média final igual ou maior que cinco (5,0).

4.12.2 Avaliação do curso

A avaliação se constitui em um processo dinâmico normativo, o qual possibilita a reorientação e reformulação de conteúdos teórico e prático. Ao buscarmos esse processo no campo do ensino não podemos concebê-lo como um processo estanque, que se caracteriza como parte final de atividades pedagógicas, tendo como unidade de medida a quantificação por média, mas em um processo dinâmico que instrumentaliza a análise processual da prática pedagógica, resultando em reflexão para preenchimento de lacuna existentes, favorecendo a implementação de novas atividades compatíveis com a formação de enfermeiros que pretendemos formar.

O processo avaliativo da proposta curricular elaborada para o curso em questão será efetivada a partir da análise diagnóstica da realidade vivenciada.

Neste sentido o mecanismo que utilizaremos para avaliação interna do curso está pautado no objetivo central do currículo: Formar o Enfermeiro Licenciado em Enfermagem assim como na avaliação do ENADE e do egresso em relação ao curso.

Este se constituirá em:

a) Avaliação Docente: Se efetivará por meio da participação em reuniões pedagógicas e de colegiado e sua contribuição na análise, discussão e encaminhamentos das pautas propostas; participação em projetos de pesquisas; elaboração de projetos compatíveis com as áreas do curso; publicações, apresentação de trabalhos e participação em eventos científicos nacionais, regionais e locais; relação acadêmica com discente e docentes das diferentes disciplinas que compõem a matriz do curso, bem como com docentes de outros cursos, no sentido de desenvolver trabalhos teóricos e/ou práticos contribuindo para o acontecimento efetivo da interdisciplinariedade.

b) **Avaliação Discente:** Esta acontecerá durante o processo ensino aprendizagem, mediante realização de atividades teóricas e práticas, utilizando diferentes métodos, tais como: testes práticos, testes teóricos, apresentação de seminários, elaboração de trabalhos a partir de temáticas discutidas em sala de aula, relatórios de pesquisa avaliados pelos docentes das respectivas disciplinas as quais as temáticas encontrarem-se inter-relacionadas, relatórios de visitas técnicas nos diferentes ambientes que acontecerão a prática. Os métodos propostos para este momento estarão subsidiados em instrumentos que encontrar-se ão elaborados em cada plano de curso das disciplinas.

c) **Avaliação Conjunta:** ocorrerá nos encontros anuais do Curso de Graduação em Enfermagem e envolverá os Docentes, Técnico-Administrativos e Acadêmicos. Será efetivada através de formulários de múltipla escolha que abordarão as questões administrativas e pedagógicas do Curso.

O objetivo de se realizar a avaliação interna do curso de Enfermagem relaciona-se ao desenvolvimento de investigação, ação e reflexão diante de lacunas e falhas que poderão acontecer com a implantação do currículo; neste sentido, buscamos propor e testar alternativas (metodologias) que facilitem a execução e a viabilidade do Projeto Pedagógico, tendo em vista que a partir deste os docentes do curso deverão estar harmonicamente sintonizados com as áreas de concentração que nortearão as pesquisas, disciplinas teóricas, aulas práticas, estágios supervisionados e atividades extracurriculares aqui alencados.

Entendemos como contribuição principal da Avaliação interna a melhoria de qualidade do processo ensino-aprendizagem, realizando-se numa prática pedagógica articulada com a realidade social do Estado do Amapá, atendendo assim as demandas de nossa sociedade, Proporcionando a formação do enfermeiro em três dimensões: a pesquisa, o ensino e a extensão.

5 CORPO DOCENTE

DOCENTE	TITULAÇÃO	REGIME DE TRABALHO

5.1 COORDENAÇÃO DO CURSO

5.1.1 Da Eleição de Coordenador do Curso:

As Eleições para Coordenador do curso são regulamentadas pelos artigos 88 do Capítulo V do Regimento conforme segue:

Art.88. Cada Coordenação de Curso será dirigida por um coordenador, sendo seu substituto legal o vice-coordenador, ambos com mandato de dois anos, escolhidos em escrutínio secreto, pelos docentes, discentes e técnicos vinculados à respectiva coordenação, permitida a recondução por um único período subsequente, obedecendo á legislação pertinente.

1º. As Coordenações serão exercidas, preferencialmente, por docente efetivo vinculado ao curso.

2º. Na impossibilidade de a Coordenação ser exercida por docente efetivo a vaga poderá ser preenchida por técnico integrante do quadro de nível superior.

5.1.2 Funções da Coordenação de Curso

A Coordenação de Curso é o órgão que congrega docentes e técnicos, de acordo com suas especialidades, sendo responsável, dentro da própria área de conhecimento, pelo gerenciamento de recursos humanos, científicos e tecnológicos para as atividades de ensino, pesquisa e extensão e interiorização, bem como pela construção do saber, pelo aperfeiçoamento do pessoal docente e técnico e pela administração de suas carreiras.

Compete, ainda, ao coordenador representar as necessidades do curso junto aos órgãos competentes da IFES, participação das reuniões de colegiado de curso e atendimento aos docentes.

5.1.3 Atuação do Coordenador de Curso

As atribuições do coordenador do curso são regulamentadas pelos artigos 87, e 89 do Capítulo V do Regimento conforme segue:

Art. 87. A Coordenação de Curso é o órgão responsável pelo planejamento e gerenciamento de recursos humanos, científicos e tecnológicos para as atividades de ensino, pesquisa e extensão.

Art. 89. A Coordenação de Curso compete:

I - Cumprir e fazer cumprir as deliberações do colegiado de curso.

II - Elaborar e submeter ao seu conselho departamental o plano de atividades da coordenação de curso.

III - Fazer cumprir os planos de atividades dos docentes e técnicos-adminitrativos lotados na coordenação.

IV - Designar banca de revisão de provas dos discentes, quando solicitado pelo colegiado de curso.

V - Propor ao conselho departamental normas e critérios para a monitoria e o estágio curricular supervisionado.

VI - Acompanhar a freqüência e o desenvolvimento das atividades dos docentes no ensino, na pesquisa e na extensão, submetendo os resultados à apreciação do Colegiado de curso.

VII – Acompanhar o desenvolvimento dos docentes em curso de qualificação através de relatórios específicos.

VIII - Desenvolver outras atividades que lhe couberem por força da legislação.

5.1.4 Participação efetiva do Coordenador do Curso em Órgãos Colegiados Acadêmicos

O coordenador preside e convoca as reuniões do colegiado do curso que coordena e tem representação no Conselho Universitário - CONSU. Participa, ainda, intensamente da elaboração das políticas acadêmicas.

5.1.5 Participação efetiva do Coordenador e dos Docentes em Colegiado de Curso ou equivalente

A Unifap tem plena compreensão e ciência da importância da participação dos docentes, não só no âmbito das decisões de natureza didático-pedagógicas, como também na área de gestão administrativa. Por essa razão, o seu corpo docente tem uma representação deliberativa importante na composição dos Conselhos Superiores, na perspectiva de tornar coerentes as decisões que envolvem a gestão do patrimônio acadêmico, possibilitando um envolvimento participativo e atuante.

No Colegiado de Curso, os professores compõem 70% do total dos membros. Os professores participam também do Consu, tendo cada Curso um Conselheiro representante e seu substituto eventual.

5.1.6 Titulação do Coordenador do Curso

Os coordenadores professores do curso deverão ter titulação mínima de **Especialista** dentro de uma das áreas de atuação do curso.

5.1.7 Regime de Trabalho do Coordenador do Curso

Os Coordenadores do Curso deverão ter regime de trabalho **"Dedicação Exclusiva ou 40h",** onde 20 horas serão dedicadas a Coordenação do Curso e as outras 20 horas para atividades de ensino, pesquisa e/ou extensão.

5.2 COLEGIADO DO CURSO

PROFESSOR	LINK CURRÍCULO LATTES

5.2.1 Titulação

PROFESSOR	TITULAÇÃO

Titulação	Qtde.	% do Total	Na Área do Curso de Enfermagem .		Em Outras Áreas	
			Qtde.	%	Qtde.	%
Graduação						
Especialização						
Mestrado						
Doutorado						
Total						

5.2.2 Regime de Trabalho

PROFESSOR	REGIME DE TRABALHO

Quadro Resumo do Regime de Trabalho Docente

REGIME	QTDE.	%
Tempo Integral		
Tempo Parcial		
Horista		